

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**CRENÇA RELIGIOSA E ASCENSÃO ECONÔMICA: UM ESTUDO DE CASO DOS
PEQUENOS COMERCIANTES DA REGIÃO DO ESTREITO**

Sandra Lúcia Neves Ribeiro

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Sandra Lúcia Neves
CRENÇA RELIGIOSA E ASCENSÃO ECONÔMICA : UM ESTUDO DE
CASO DOS PEQUENOS COMERCIANTES DA REGIÃO DO ESTREITO /
Sandra Lúcia Neves Ribeiro ; orientador, Carlos Eduardo
Sell, 2019.
62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Religião. 3. Capitalismo. 4.
Evangélicos. 5. Prosperidade. I. Sell, Carlos Eduardo .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

SANDRA LÚCIA NEVES RIBEIRO

**CRENÇA RELIGIOSA E ASCENSÃO ECONÔMICA: UM ESTUDO DE CASO DOS
PEQUENOS COMERCIANTES DA REGIÃO DO ESTREITO**

Monografia submetida ao programa de Graduação da
Universidade Federal de Santa Catarina para
obtenção do Grau de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Sell, Dr.

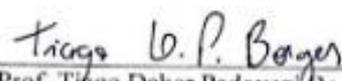
Florianópolis
2019

SANDRA LÚCIA NEVES RIBEIRO

**CRENÇA RELIGIOSA E ASCENSÃO ECONÔMICA: UM ESTUDO DE CASO DOS
PEQUENOS COMERCIANTES DA REGIÃO DO ESTREITO**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do Título de Bacharela em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais,

Florianópolis, 16 de dezembro de 2019.

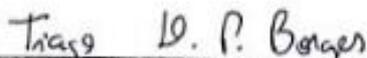


Prof. Tiago Daher Padovezi Borges, Dr.
Coordenador do Curso

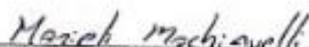
Banca Examinadora:



Prof. Carlos Eduardo Sell, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Tiago Daher Padovezi Borges, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Marieli Machiavelli, Ms.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Luth e Carina, razões da minha vida. Luth, por todo amor e por ter sido o primeiro e maior incentivador nesta empreitada. Carina, pelo grande amor e paciência na convivência nada fácil com uma mãe constantemente exausta e pelo apoio nas inúmeras crises de coluna durante todo o curso.

À minha mãe, amada, guerreira e, mesmo longe, muito presente.

À minha colega de jornada, Sheila, que se tornou uma querida amiga e a quem devo muito neste fim de curso.

Ao apoio, compreensão e carinho do meu orientador, Professor Sell, que, apesar de muita coisa não ter sido exatamente como planejamos, não me abandonou.

Ao querido coordenador do curso, Professor Tiago, presente em todos os momentos em que precisei.

Ao Professor Eduardo Bonaldi, pela sensibilidade, jamais esquecerei tanto carinho.

Aos pequenos comerciantes do Estreito com quem tive a oportunidade de conversar e pela paciência e disposição em contar suas histórias de fé e sucesso.

*Às vezes, nossa vida é colocada de cabeça para baixo,
para que possamos aprender a viver de cabeça para cima.*

Max Weber

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar, entre os pequenos comerciantes da região do Estreito, em Florianópolis, a influência da crença religiosa dos evangélicos na percepção de êxito econômico do negócio. No primeiro capítulo apresentamos estudo da obra-prima de Weber, *A Ética Protestante e o "espírito" do Capitalismo* – em que o autor descreve o fenômeno religioso e um maior desenvolvimento capitalista em países onde os proprietários de capital são de fé protestante, além de aprofundar o tema “Religião e Capitalismo”. No segundo capítulo apresentamos o cenário religioso brasileiro, a expansão dos evangélicos e a Teologia da Prosperidade, praticada pelos neopentecostais. No capítulo seguinte conhecemos a região do Estreito, sua história, ruas e comércios. Dentro dessa contextualização demonstramos, através de gráficos, o perfil dos evangélicos entrevistados. Em seguida, veremos, por meio de narrativas, o que eles pensam sobre religião e prosperidade.

Palavras-chave: Religião. Capitalismo. Evangélicos. Prosperidade.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate between the small merchants of the Estreito region in Florianópolis. The influence of the evangelical's religious beliefs and its overall perception of economic success of the business. In the first chapter, we present Weber's masterpiece "The Protestant Ethics and the Spirit of Capitalism". Weber's description of the religious phenomenon of greater capitalist development among countries where capital owners are of Protestant faith deepens the theme of (Religion and Capitalism). In the second chapter, we present the Brazilian religious scene, the spread of evangelicals and the Theology of Prosperity, practiced by the neo pentecostals. The following chapter we discover the region of the Estreito, its history, streets and trades. Finally, in the last chapter we demonstrated, through graphs, the profiles of the evangelicals interviewed. Then, we see, through narratives, what they think about religion and prosperity, 4 (four) evangelical traders were chosen from our sample of 37 (thirty-seven) interviewees.

Keywords: Religion. Capitalism. Evangelicals. Prosperity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 CAPÍTULO I – TEORIA GERAL	15
2.1 WEBER: A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO	15
2.2 RELIGIÃO E CAPITALISMO	18
3 CAPÍTULO II – PANORAMA RELIGIOSO: BRASIL DE ONTEM E HOJE ...	24
3.1 CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO	24
3.2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	32
4 CAPÍTULO III – REGIÃO DO ESTREITO: SUAS PECULIARIDADES	37
4.1 ESTREITO: CONHECENDO O BAIRRO	37
4.2 CAMPO DE PESQUISA	40
5 CAPÍTULO IV – EVANGÉLICOS: QUEM SÃO, SUAS HISTÓRIAS	42
5.1 NARRATIVAS	42
5.2 PERFIL DOS EVANGÉLICOS	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA	61

INTRODUÇÃO

Na obra de Weber *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, procura-se compreender um fenômeno observado na passagem do século XIX para o XX: o maior desenvolvimento capitalista dos países de confissão protestante e a maior proporção de protestantes entre os proprietários do capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão de obra qualificada (PIERUCCI, 2004, orelha). Diante do atual cenário religioso no Brasil, em que as recentes pesquisas apontam um crescimento das igrejas evangélicas e de fiéis, além de uma observação que faço há alguns anos no bairro onde moro, e considerando ainda que a religião sempre exerceu forte influência nas sociedades, pretendo refletir, neste estudo, qual a relação entre a fé como razão da prosperidade dos pequenos comerciantes da região do bairro Estreito, em Florianópolis, Santa Catarina. Minha atenção para o tema nasceu da observação do fato de que parte dos comércios da região exibe símbolos religiosos na entrada ou dentro das lojas. No entanto, na outra parte, não se vê nada que possamos associar alguma religiosidade ao negócio, o que me leva a supor uma prática religiosa não afeita às imagens, símbolos ou misticismo que são próprias das religiões católicas ou afro-brasileiras. Tendo em casa, pelo lado materno, uma família tradicionalmente católica, e pelo lado paterno, diferentemente, uma família cheia de misticismos e que une as práticas do catolicismo com a umbanda, fui levada ao tema geral “religião”.

Morando há 18 anos na região do Estreito, me acostumei a suprir todas as necessidades da minha família nos pequenos comércios da região a fim de evitar o deslocamento para o centro da cidade. O bairro tem um comércio bastante diversificado. Desde que lá cheguei e continua a se desenvolver até os dias atuais com novas lojas e prestadores dos mais variados serviços: de loja de móveis a grandes supermercados, passando por redes de farmácias bem conhecidas na cidade a postos de gasolina. O que mais chama atenção, porém, são os pequenos comércios da região; são eles que dão vida ao bairro. Embora tenha havido uma explosão no crescimento do comércio local, a grande maioria dos pequenos comerciantes existentes é bastante conhecida dos moradores do bairro e adjacências, que estão habituados a fazer compras em suas lojas. Sendo assim, é natural que aspectos particulares de cada pequeno comércio acabem por chamar atenção das pessoas que frequentam esses estabelecimentos.

O que salta aos olhos de qualquer observador um pouco mais atento nos pequenos comércios da região do Estreito é a prática dos proprietários dessas lojas de exibir visualmente suas crenças. Na verdade, diante dos símbolos expostos nesses comércios e

mesmo dos que estão meio camuflados, percebemos, à primeira vista, uma mudança cultural no sentido de um avanço do pluralismo religioso entre eles. Cabe notar que, entre novos e antigos, a maioria dos pequenos comerciantes se conhece e podemos pensar se há algum tipo de influência uns sobre os outros, quer seja na esfera econômica, quer seja na esfera religiosa ou se ambas estariam interligadas visando a um mesmo objetivo.

Até onde é possível observar, no comércio local há normalmente um símbolo, não especificamente um símbolo católico, como, por exemplo, um crucifixo, mas algo que está conectado à religião, ao mito, a magia e à crença, ou seja, a fé em algo ou alguma coisa. Vemos imagens dos santos da igreja católica, do preto velho e Iemanjá das religiões afro-brasileiras, pedras de cores variadas dispostas em lugares estratégicos, colares coloridos, copo com água e sal grosso, sal grosso em cumbucas de vidro ou porcelana branca, ervas e plantas protetoras ou plantas da sorte, como são conhecidas, e que fazem parte da famosa sabedoria popular e até matrioskas (bonecas artesanais e tradicionais da Rússia que se encaixam uma dentro da outra e que simbolizam, naquele país, maternidade, fertilidade, amor e amizade). Vemos também esculturas de animais como cavalos, elefantes, dragões e gatos. Isso sem descartar, é claro, que, em muitas outras lojas, não se vê nada que indique alguma prática religiosa do proprietário.

Vivenciando durante todos esses anos o comércio da região do Estreito, acompanhei de perto a prosperidade ou a decadência dos pequenos comerciantes. Alguns que prosperaram, reformaram ou re-decoraram o ponto; outros que não prosperaram e que aparentemente decaíram e se mudaram para um ponto menor, em tamanho e visibilidade. Lembro-me de dois casos gritantes e opostos: um que prosperou e outro que supostamente decaiu. O primeiro, uma lanchonete onde a família inteira (pai, mãe e quatro filhos) trabalhava, com exceção do filho menor. Católicos, nessa lanchonete tinha um crucifixo na parede de frente para a rua. Trabalhadora, a família vendia salgados, doces variados e diversos tipos de bebidas, todos os produtos de uma típica lanchonete. No fim de semana vendiam frangos assados e depois de um tempo aumentaram a oferta com outros tipos de carne. Notava-se a união, a disciplina e a vontade de prosperar. Hoje, os filhos construíram suas próprias famílias e todos continuam trabalhando na lanchonete, à exceção do mais velho, que preferiu abrir sua própria lanchonete nos mesmos moldes da do pai. Antes, a lanchonete ficava no térreo de um pequeno prédio residencial de três andares com um grande terreno na parte de trás que foi vendido. Posteriormente, foi construído um grande empreendimento (um *shopping* no térreo com lojas também na parte externa, semelhantes a centros comerciais e prédio residencial acima) e por mais incrível que possa parecer, a lanchonete encontra-se no mesmo lugar de 18 anos atrás,

embora tenha muito mais tempo do que o período que moro no bairro: a diferença é que, hoje, está maior, mais sofisticada e visivelmente próspera.

O segundo caso é de um salão de beleza comandado pela mãe e onde trabalhavam, entre outras funcionárias, as duas filhas. Aparentemente próspero, esse salão ficava também no térreo de um edifício residencial numa das ruas principais do bairro. Com muitas clientes, o salão ostentava diversos tipos de símbolos religiosos e místicos, imagens, plantas protetoras, olho grego e as famosas fitinhas coloridas do Senhor do Bonfim que simbolizam a Igreja do Senhor do Bonfim, na cidade de Salvador. Poucas pessoas sabem, mas cada cor dessas fitinhas representa um Orixá, ou seja, na fitinha temos duas vertentes religiosas, uma da igreja católica e outra de raízes africanas, típica do sincretismo religioso da Bahia. As fitas geralmente são usadas no pulso e a cada nó dado se faz um pedido: são três nós, depois é só esperar a passagem do tempo para que a fita rompa numa demonstração de que os pedidos foram atendidos. No salão, além de estar no pulso da mãe e das duas filhas, também estavam aos pés de uma imagem de São Jorge. Nos últimos anos o salão mudou de endereço três vezes. Primeiro, uma salinha simples nos fundos do mesmo endereço, o que, talvez, fosse uma indicação de que algo não estava indo bem financeiramente; depois de um tempo, não sei dizer quanto, mudaram para o primeiro andar de um prédio comercial quase em frente ao endereço antigo. Desta vez o local aparentava uma ascensão econômica do pequeno negócio, o espaço físico era bem maior que o anterior e as instalações mais confortáveis. Finalmente, não muito tempo depois, para minha surpresa e, acredito, de outras clientes, mudaram-se para um ponto comercial bem pequeno, na mesma região, numa rua estreita, pouco movimentada e onde está, no presente, a mãe atendendo umas poucas clientes que restaram e uma das filhas fazendo apenas depilação. Não obstante, sei que muitos donos de pequenos comércios da região do Estreito são evangélicos, embora me pareça, conversando com um e com outro, de doutrinas diferentes.

Partindo da história desses dois pequenos comércios que uso aqui como exemplo para início deste estudo, podemos considerar a hipótese de que há uma prática religiosa entre os pequenos comerciantes da região do Estreito. Se há, as perguntas que me coloco são: de que maneira os pequenos comerciantes atribuem aos fatores religiosos o significado do êxito nos negócios? Os comerciantes prósperos ou que se consideram prósperos relacionam seu crescimento econômico a uma conduta de vida fundada em uma crença religiosa ou em princípios voltados a outros valores? Quais crenças, valores ou ações contribuíram, segundo os próprios comerciantes, para a prosperidade ou para o declínio do pequeno comerciante?

Pensando em todas essas questões acerca das crenças religiosas e a situação econômica de uma população crescente em uma das regiões mais populosas do continente no município de Florianópolis, esse trabalho seguirá a orientação no sentido de descobrir quem são os comerciantes evangélicos da região do Estreito, que segmento de negócio eles têm, se existe alguma prática religiosa associada à prosperidade do comércio e se a fé no que suas igrejas pregam é, segundo eles próprios, a base de uma conduta de vida pessoal e comercial e, conseqüentemente, de uma ascensão econômica. Nesse sentido, podemos atentar para duas hipóteses que podem levar os comerciantes a atribuírem sua prosperidade no comércio: uma influência mágica (magificação) com promessas para entidades e devoção aos santos ou uma ação extinta de elementos mágicos (desmagificação) baseada em estímulos psicológicos criados pela fé religiosa e movidos por uma conduta ética de vida da qual o trabalho disciplinado da crença evangélica faz parte. Segundo a primeira hipótese, o êxito econômico é considerado uma intervenção divina da qual o ator social é beneficiário. Já na segunda, o êxito econômico é considerado fruto do próprio trabalho e esforço do indivíduo e a religião opera como fator motivacional. Qual destas lógicas estaria por trás das crenças e práticas dos evangélicos que iremos estudar?

O pentecostalismo constitui o fenômeno religioso mais estudado no Brasil pelas ciências sociais nas últimas décadas (MARIANO, 2011). Há muito que pesquisar para compreender o avanço das igrejas evangélicas que surgiram em pequenos municípios e hoje ocupam locais nobres nas grandes cidades. Nesta perspectiva, a economia e a prosperidade dos seus fiéis passam a ser consideradas um desafio a ser compreendido no longo caminho percorrido pelas mais variadas correntes dessas igrejas.

Este é um estudo exploratório e minha intenção é de que poderei encontrar na população pesquisada elementos que indiquem uma relação concebida por eles entre as crenças religiosas e a prosperidade maior entre os comerciantes evangélicos. Para isso, irei revisar os principais conceitos de Max Weber e outros autores da Sociologia da religião contemporânea que tratam deste tema, além de realizar entrevistas e questionários.

Desse modo, a pesquisa consiste em investigar, conhecer, analisar, compreender e interpretar os fatos que estão sendo estudados, de acordo com a realidade encontrada. Esses são alguns dos objetivos do método em nossa pesquisa. Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 2001). Trata-se, aqui, de uma pesquisa quanti-qualitativa, onde faremos estudo de caso de um grupo de pequenos comerciantes da região do Estreito, escolhidos aleatoriamente, haja vista o uso de símbolos religiosos nas entradas dos estabelecimentos parecer uma prática comum entre

esses comerciantes. No entanto, como em muitos comércios não vemos símbolos, principalmente entre os que estão estabelecidos há mais tempo, supomos que, nestes, encontraremos os evangélicos:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma população bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (FONSECA, 2002, p. 33).

A coleta de informações será realizada através de questionários semiestruturados ou, dependendo de situações não previstas, poderá ser livre. A entrevista, preferencialmente, será com o proprietário do comércio, podendo, no caso de empresa familiar, ser com o parente (filhos, sobrinhos, netos etc.) que trabalhe no local e que tenha amplo conhecimento sobre a ascensão da empresa e uma suposta confissão religiosa, foco da pesquisa.

As informações obtidas e registradas neste trabalho podem contribuir para novos estudos de um fenômeno religioso crescente no Brasil: a expansão dos evangélicos e o impacto que essa expansão pode causar nas esferas sociais e econômicas, principalmente se considerarmos sua força midiática, quer seja através dos seus fiéis no sentido literal da palavra, que sabemos, usam fortes argumentos para a evangelização dos que os cercam e pelos meios, incluindo os tecnológicos, usados na comunicação, que conseguem atingir todas as camadas da sociedade. Os autores, base teórica desta pesquisa, fornecem ferramentas para a análise dos resultados dos questionários aplicados neste estudo, possibilitando maior clareza em relação à hipótese derivada de Weber de que a confissão religiosa protestante induz o indivíduo a enxergar sua prosperidade como diretamente vinculada à sua prática religiosa.

Contemplamos, para esta pesquisa, quatro bairros que formam a região do Estreito: Balneário, Canto, Estreito e Jardim Atlântico. Na tabela a seguir temos a população de cada um deles de acordo com censo do IBGE/2010. Para melhor compreensão do que denomino região do Estreito, consideramos importante conhecer a história do bairro e suas peculiaridades.

Tabela 1 – População dos quatro bairros que denomino como “Região do Estreito”

Bairro - Continente	População
Balneario	5.826
Canto	6.494
Estreito	7.878
Jardim Atlântico	12.158
Total	32.356

Fonte: Dados do CENSO 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo investigar a influência das crenças religiosas na percepção de êxito econômico do negócio, considerando a relevância das diferentes vertentes religiosas inseridas nas práticas econômicas, com ênfase nos resultados positivos alcançados por evangélicos, justificados por suas crenças. Dentre os objetivos específicos, destacamos: a) traçar a evolução do campo religioso no Brasil; b) descrever os conceitos centrais da sociologia religiosa de Weber; c) revisar a literatura sociológica contemporânea sobre a relação entre êxito econômico e crenças religiosas; d) demonstrar o crescimento dos pentecostais no Brasil; e) analisar as práticas evangélicas e as dimensões da vida social relacionadas à valores, crenças, religião e conduta de vida dos pequenos comerciantes da região do Estreito e uma possível associação com o êxito nos negócios.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, buscamos compreender, através de uma obra clássica nas ciências sociais – *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* – o fenômeno religioso descrito por Weber de um maior desenvolvimento capitalista em países onde os proprietários de capital são de fé protestante. Para aprofundar o tema, tomaremos a contribuição de autores contemporâneos da sociologia da religião e grandes conhecedores da obra de Weber. Descreveremos o cenário religioso brasileiro, o surgimento e expansão dos pentecostais no Brasil e as práticas econômicas aliadas às estruturas religiosas modernas no segundo capítulo. A região do bairro Estreito, sua história e campo da nossa pesquisa constituirão o tema do capítulo 3 (três). No quarto capítulo, demonstraremos, por meio de gráficos, o perfil dos evangélicos entrevistados. Em seguida, conheceremos um pouco das narrativas de 4 (quatro) comerciantes evangélicos escolhidos dentro da nossa amostra de 37 entrevistados. Finalmente, nas considerações finais, descreveremos os resultados encontrados nesta pesquisa, buscando responder se a confissão

religiosa protestante ou evangélica induz o indivíduo a enxergar sua prosperidade como diretamente vinculada à sua prática religiosa.

2 CAPÍTULO I – TEORIA GERAL

Neste capítulo objetivamos a compreensão da célebre obra de Max Weber acerca das religiões e os estudos sociológicos de autores contemporâneos a partir do legado do autor, em especial, a associação entre religião e economia na modernidade.

2.1 WEBER: A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO

Max Weber, nascido na Alemanha em 1864, é um dos maiores autores clássicos das ciências humanas. Sua obra nos deixou um tratado sobre Sociologia da Religião, entre outros tantos temas pesquisados pelo autor, sendo que, atualmente, o seu legado continua indispensável nesse e em outros campos de estudo.

Do original alemão *Die Protestantische Ethik und der “Geist” des Kapitalismus*, a obra escrita por Max Weber há mais de cem anos, em português, *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, foi publicada pela primeira vez na revista “Archiv für Sozialwissenschaft”, em 1904, e uma segunda parte foi publicada em 1905. Com a publicação do livro, em 1920, a palavra “espírito” transmite o que, certamente, Weber queria dizer quando a colocou entre aspas no título, ou seja, destacar a cultura em relação a uma conduta de vida – *Lebensführung* – orientada à concepção do capitalismo moderno, não como a estrutura de um sistema financeiro institucional, e sim como um “espírito” imbuído de “como ser” das pessoas no seu dia a dia, observado pelo autor sob a ótica da crença protestante e seus paradigmas. Dessa forma, o protestantismo estabeleceu uma relação de causalidade com o *Geist* capitalista.

Nessa direção, um dos conceitos fundamentais da sociologia compreensiva weberiana é a ação social, que é toda e qualquer ação dotada de sentido, contudo, orientada pela ação do outro. Para compreendê-la, é importante saber que ela é um “tipo ideal”, um instrumento conceitual das ideias do pesquisador. Assim, numa conduta plural de ações recíprocas socialmente significativas, constituem as relações sociais que Weber observou entre os protestantes, cujas ações se relacionavam à crença consciente ou racional dos valores religiosos. Pensando nesses valores podemos explicar a ética protestante no sentido de uma organização social religiosa com o “espírito” do capitalismo. A seguir, citação de Mariane Weber, viúva do autor:

Uma das tantas razões, com certeza não a menor, para que essas experiências tenham instigado Weber tanto assim foi que nos Estados Unidos ele pôde observar por todo canto os rastros vivos das origens do espírito do capitalismo moderno, e esse espírito mesmo na pureza de um “tipo ideal”. (WEBER, 2004, p. 11).

Segundo o autor, apenas olhando para a Alemanha, uma nação pluriconfessional, poderíamos já perceber que entre os protestantes se concentrava o maior número de proprietários de capital, mão de obra qualificada e ocupação nos cargos mais altos em grandes empresas. Investigando, Weber descobriu que em outros países ocorria o mesmo fenômeno em relação à confissão religiosa e estratificação social, ou seja, havia uma disposição em acreditar que o crescimento do capitalismo aliado às ações racionais, principalmente em relação aos valores religiosos, fosse priorizado.

Weber observou que, em cidades mais abastadas da Alemanha, onde se concentravam grandes rotas comerciais, o protestantismo tinha uma forte presença e suas raízes eram herdadas dos grupos protestantes do passado que tinham uma educação focada no dever profissional, resultando num desenvolvimento econômico que acelerou as mudanças da ordem religiosa predominante na época, a católica. Enquanto os protestantes, com sua educação rígida e disciplinada, evocavam um “modo de ser” próprio, fundamentado no racionalismo econômico e que perdura até os dias atuais, os católicos continuavam praticando uma religião mais humanística e tradicional e que também se mantém no presente. Inquestionavelmente, é um “*ethos*” que se expressa muito mais disciplinado e que manteve, até hoje, o rigor ascético da disciplina dos grupos protestantes (PIERUCCI, 2004, p. 45).

São nas sentenças de Benjamin Franklin que Weber encontra um “delineamento provisório” do que seria o “espírito” do capitalismo. Expressões como “crédito é dinheiro” ou “um bom pagador é senhor da bolsa alheia” são facilmente relacionadas com “dever”, e não uma espécie de sagacidade nos negócios. É de uma conduta reta, ética, de não se faltar com o dever. É o que diz Weber na segunda edição, revisada em 1920:

Com efeito: aqui não se prega simplesmente uma técnica de vida, mas uma “ética” peculiar cuja violação não é tratada apenas como desatino, mas como uma espécie de falta com o dever: isso, antes de tudo, é a essência da coisa. O que se ensina aqui não é *apenas* “perspicácia nos negócios” – algo que de resto se encontra com bastante frequência –, mas é um *ethos* que se expressa, e é precisamente nesta qualidade que ele nos interessa. (WEBER, 2004, p. 45).

O que Weber conseguiu demonstrar foi uma conexão entre religião e capitalismo, melhor dizendo, a boa vontade para o trabalho e o *ethos* do capitalismo.

Outro conceito importante é o de vocação, pois Weber afirma que há uma conotação religiosa na palavra alemã “*Beruf*” e na palavra inglesa “*calling*”, que seria a de uma missão dada por Deus. Na tradução da Bíblia por Lutero, “*Beruf*” deu um novo sentido para a palavra vocação; seria um ideal a ser buscado e este ideal só seria alcançado através de um reconhecimento de que sua vocação seria uma missão divina. Já para os católicos a vocação seria apenas o ofício. Vemos as diferenças entre as confissões: enquanto o católico era menos interessado no poder aquisitivo através do trabalho e preferia a segurança a uma vida incerta, o protestante tinha na vocação uma disciplina rígida e não media esforços para o cumprimento do dever.

No Calvinismo, sucesso do protestantismo luterano, partimos então para um dogma, a doutrina da predestinação, que manifesta uma ideia de que o homem que erra é um pecador e que só seria digno de salvação aquele que, por meio de uma disciplina no trabalho, demonstrasse ser merecedor do paraíso ao ter um retorno econômico do seu ofício. A vida mundana nesta terra é apenas um lugar desencantado e a pessoa só está nela para saber se será eleita por Deus. O trabalho que trouxesse ao homem um retorno aquisitivo satisfatório seria a salvação e a certeza de que seria o escolhido.

É na doutrina da predestinação que Weber reconhece os fundamentos religiosos da ascese intramundana presente nos quatro portadores históricos do protestantismo ascético: o Calvinismo, o Metodismo, o Pietismo e as seitas nascidas do movimento anabatista. É no Calvinismo que o ascetismo emerge mais fortemente, onde a salvação é uma escolha divina, servir à glória de Deus para ser um dos eleitos Dele. Para isso, o trabalho era um meio de certificação. No luteranismo, perdida a salvação, há como recuperá-la com humildade e fé, ao contrário do Calvinismo, que diz que não pode perder o que nunca se teve. O Pietismo, originado pelo Calvinismo, seguia pela linha do fortalecimento da fé com base numa rigorosa conduta moral. O trabalho profissional era o meio ascético por excelência. O Metodismo, como o próprio nome diz, tinha um sistema metódico de conduta de vida para alcançar a glorificação divina. Por influência Luterana nota-se uma mínima evolução dos pecados dos metodistas e na utilidade das obras para atingir o estado de graça.

Weber ainda demonstra as diferenças entre o Calvinismo e o Catolicismo com suas especificidades. Ao católico era e é permitido, até hoje, ser perdoado pelos seus pecados. A figura do padre correspondia à do mago, operador dos milagres, e a garantia de aconselhamento, da confissão e, conseqüentemente, do perdão. As “boas obras” dos católicos serviriam, posteriormente, como um crédito no “outro mundo”. Para os calvinistas, ao contrário, não tinha como ter uma reparação das fraquezas cometidas, apenas da vocação e do

trabalho advinham as boas obras que seriam a garantia da salvação, uma comprovação de que seria eleito por Deus.

O desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação, não foi realizado na piedade católica com as mesmas conseqüências que na religiosidade puritana (e, antes dela somente na judaica). (WEBER, 2004, p. 106).

Enfim, a conduta de vida racional fundamentada na ideia de profissão como vocação germinou do espírito da ascese cristã, sendo a mola propulsora do “espírito” capitalista. Assim, para os protestantes ascéticos, uma vida calcada no trabalho como dever traria, além da prosperidade, a tão sonhada eleição por Deus e a preparação para uma nova ordem econômica que viria.

2.2 RELIGIÃO E CAPITALISMO

O que Weber quis explicar sobre a causalidade existente entre religião, economia e suas especificidades à época do seus escritos? Numa análise hermenêutica do argumento weberiano, o sociólogo Carlos Eduardo Sell (2011) remonta à Alemanha de Karl Marx quando este comparou o significado dos processos históricos do seu país com Inglaterra e França. Não só Marx como outros pensadores sociais alemães perceberam a particularidade do processo religioso e social pelo qual passara a Alemanha. Além disso, Marx recorreu à supremacia do idealismo hegeliano por ser um forte reflexo dos movimentos religiosos e espirituais que ocorrera ao longo da reforma luterana do século XVI. Hegel afirma que a dimensão mais profunda com a qual o homem se relaciona é com o Espírito Absoluto, ou seja, o ápice da evolução do Espírito Absoluto na história de acordo com a visão da reforma protestante.

Nesse sentido, segundo Sell (2011), Weber compartilhava de um ambiente intelectual no qual a questão da influência histórico-social do protestantismo construía o debate e, conseqüentemente, gerava o surgimento dos estudos e princípios aplicados à história e à vida social. Porém, o tema “capitalismo” era o fundamento dos trabalhos de Marx e Engels, seguido pelos teóricos marxistas Karl Kautsky e Eduard Bernstein, contemporâneos de Weber. Mas, só a partir da Escola Historicista alemã de Economia, da qual Weber fazia parte, que inicia a pesquisa do autor sobre a temática do protestantismo e capitalismo que daria origem à sua obra-prima. A escola refletia sobre a modernização econômica capitalista ao mesmo tempo que procurava outras possibilidades além da formulação Marxista do evolucionismo. Assim,

Weber percebeu a significação econômica do protestantismo em trabalhos na área da História e Direito de seus contemporâneos, até chegar a uma nova área de estudos que estava surgindo na Alemanha: a Sociologia. A importância da economia na vida social moderna chamou atenção de Weber no livro *A psicologia do dinheiro*, escrito por Georg Simmel (1908). Melhor ainda, Simmel escreveu *A filosofia do dinheiro*, obra precursora da Sociologia alemã. Para Sell (2011), Simmel “interpretou o dinheiro como parte de um processo social mais amplo: a tragédia da cultura”, além de demonstrar que o dinheiro deixa de ser um meio para ser um fim, sendo que a cultura moderna se objetiva e se separa do propósito humano. Em sua análise, Sell mostra o papel multifacetado do dinheiro na vida social. O dinheiro aumenta a liberdade ao mesmo tempo que propicia um caráter impessoal nas relações sociais e também acarreta a calculabilidade e a objetividade na vida social. Nessa direção, temos a formação do homem blasé ou o indivíduo cínico, ambos indiferentes aos estímulos resultantes dos excessos da modernidade.

De acordo com o autor supracitado, dois anos após a publicação do texto de Simmel, Werner Sombart publica *O Capitalismo moderno* (1902), voltando à temática do significado social e cultural da economia moderna. Para Sombart, a gênese do capitalismo advém de uma mudança comportamental (o desejo em lucrar o máximo possível para obter a riqueza e o luxo) que surgiu nas cidades comerciais italianas renascentistas. Assim, o “espírito” do capitalismo é determinado pelo poder aquisitivo, por uma conduta racional econômica e por causas biológicas e culturais. Ao contrário de Weber, que buscou a gênese do capitalismo no protestantismo ascético, Sombart buscou a origem do capitalismo no lucro desmedido.

É claro que Weber, em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, conversa com os trabalhos de Simmel e Sombart, uma vez que adotou de ambos fatores psicossociais, além da perspectiva histórico-cultural no tocante ao papel do capitalismo. Mas, foi através de Simmel que Weber se inspirou. Quanto a Sombart, sempre haverá um antagonismo. O que fica evidente é a contribuição de Weber para um perfeito entendimento da gênese do capitalismo ao estabelecer uma relação causal com o protestantismo ascético que, em muito, superou os trabalhos de seus contemporâneos.

No debate que se seguiu ao trabalho de Weber, Ernest Troeltsch, seu colega, publicou *Protestantismo e Modernidade* (1906) apenas um ano após Weber publicar a segunda parte da sua *A ética...*. De acordo com Sell (2011), Troeltsch partiu da mesma premissa de Weber ao analisar a influência do protestantismo no desenvolvimento do mundo moderno. Contudo, Troeltsch delineou esta influência de forma indireta nas configurações sociais de vida, dando uma ênfase maior à religião.

Indiscutivelmente, o trabalho de Troeltsch veio a somar às pesquisas de Weber, o que o levou às novas investigações, haja vista Troeltsch ter publicado *Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen* (A doutrina Social das Igrejas e grupos Cristãos, 1912), que encerrava, para Weber, questões sobre a evolução social do cristianismo que, segundo ele mesmo, só um teólogo seria capaz de fazer. Dessa forma, Weber dedicou-se ao panorama das religiões não ocidentais.

Entre 1907 e 1920, foram muitas as discussões em torno da Ética Protestante. Weber respondeu a todos: Karl Fischer, Friedrich Rachfal, Lujo Brentano e Sombart. Foram esclarecimentos, réplicas e contrarréplicas com as diversas contestações de seus críticos acerca da origem do capitalismo no protestantismo ascético. Weber foi particularmente duro com Sombart. Em particular, diz Sell (2011), nas tentativas deste em querer localizar o espírito do capitalismo em fontes anteriores à Reforma.

As críticas à obra de Weber repercutem até os dias atuais. Disselkamp (apud SELL, 2011), em seu trabalho, demonstra que as críticas à “Ética protestante” se situam em torno de quatro tipos de alegações. Na primeira estão os que afirmam que o protestantismo, se comparado ao catolicismo, representou, antes, um menor obstáculo do que uma contribuição positiva ao espírito capitalista. A segunda alegação: os que querem comprovar, tomando como exemplo a Itália renascentista, a inexistência do puritanismo no meio capitalista ou, como na Escócia, a existência do puritanismo onde não se tem o capitalismo, o que negaria a tese de Weber da relação causal entre protestantismo e capitalismo. A terceira alegação vem de Richard Tawney: não haveria nenhum vínculo entre o cristianismo e a economia moderna. Para ele, o calvinismo teria uma influência indireta sobre o capitalismo, visto que haveria uma certa condescendência em relação à autonomia econômica sobre o campo religioso. A última alegação é uma interpretação do marxismo: a religião é apenas o reflexo de uma conduta econômica e não uma causa.

É de importância fundamental ressaltar que Weber, nos debates com seus críticos, nos dá as ferramentas necessárias para o entendimento da sua tese. O tema “protestantismo e capitalismo” há muito vinha sendo discutido e servindo de instrumento de análise entre os intelectuais da época. Além do campo da teologia, tal qual nas ciências culturais ou históricas, é uma discussão que continua ressoando – à despeito da passagem dos séculos.

Basta uma vista de olhos pela pelas estatísticas ocupacionais de um país pluriconfessional para constatar a notável frequência de um fenômeno por diversas vezes vivamente discutido na imprensa e na literatura católicas bem como nos congressos católicos na Alemanha: o caráter predominantemente *protestante* dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão

de obra qualificada, notadamente o pessoal de mais alta qualificação técnica ou comercial das empresas modernas. (PIERUCCI, 2004, p. 29).

Na verdade, são nos conceitos claramente definidos de Weber e na intensa vinculação que este criou entre o protestantismo e modernidade econômica que está sua originalidade. A propósito de Sell (2011), vinculação esta que não se pretendeu ser exclusivista ou determinista, mas que confirma, no campo histórico e empírico, as múltiplas determinações dos fenômenos sociais.

Diferentemente, numa tentativa de interpretação de algumas páginas escritas deixadas pelo sociólogo judeu alemão Walter Benjamin [1892-1940] e que inicia com a máxima “é preciso ver no capitalismo uma religião”, Michel Löwy, sociólogo brasileiro radicado na França, parece ir além do que pensou Benjamin. Para Löwy (2014), o capitalismo é produtor de desespero. Assim ele explica: Se a culpa do endividamento do homem para com o capital é do próprio homem, “nenhuma esperança de expiação é permitida”. Segundo Löwy (2014), as três ou quatro páginas escritas por Benjamin são inspiradas pela obra de Weber, *A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo*. Com a afirmação categórica de que é preciso ver no capitalismo uma religião e que, dessa forma, pode-se perceber traços da bioestrutura religiosa do capitalismo, Benjamin, aparentemente, fez uma referência a Weber ao mesmo tempo que se distanciou deste ao dizer que o capitalismo é substancialmente religioso. De acordo com Benjamin, o capitalismo “é não somente uma formação condicionada pela religião”). Weber nunca negou a possibilidade de “fatores economicamente condicionantes” sustentando sempre uma epistemologia de caráter multicasual (SELL, 2011).

O cerne da questão é ver o capitalismo como uma religião puramente cultural. Cultural no sentido de que toda nossa economia gira em torno de um mercado onde se ganha dinheiro através do culto às operações capitalistas, como a compra e venda de moedas estrangeiras ou de ações nas bolsas de valores, especulações financeiras, investimento do capital, entre outros movimentos do sistema econômico que se assemelham a uma religião onde não se exige nada em troca. Uma religião sem adesão a um credo e sem um dogma específico, que ao mesmo tempo possibilita o ganho de uma “divindade” a se adorar: o dinheiro, propulsor necessário para a sobrevivência ou para o lucro, ou ambos. Löwy (2014) explica essa adoração ao culto capitalista da seguinte forma: “Comparação entre as imagens de santos das diferentes religiões e as notas de dinheiro de diversos países”. O dinheiro, em forma de papel-moeda, seria, assim, um objeto de um culto análogo ao dos santos das religiões “comuns” (APUD, Löwy, 2014). Nas anotações de Benjamin, ele parece compactuar com as ideias do pensador anarquista judeu-alemão Gustav Landauer, em seu livro *Aufruf zum Sozialismus*, publicado

em 1919, que disse, entre outras tantas frases relacionadas ao culto ao dinheiro, que o dinheiro é artificial e é vivo, o dinheiro tem o poder no mundo, o dinheiro produz mais dinheiro, o dinheiro é a riqueza em si e não existe outro rico que não seja o dinheiro. E é, ao meu ver, o que realmente parece estar acontecendo nas práticas econômicas do mundo contemporâneo, o sacramento de um casamento do culto ao dinheiro numa dinâmica consensual do capitalismo com a produção sem tréguas, através do trabalho, com o único fim de produzir qualquer coisa que possa resultar em mais dinheiro.

Nesse modelo de religião capitalista, o culto não salva; ele culpabiliza. Voltamos a Weber quando diz que: “Quanto mais aumentam as posses, mais pesado torna-se o sentimento de responsabilidade” (2004). Assim, até Deus tem culpa pelos desempregados serem excluídos da religião capitalista. Por não conseguirem trabalho, são excluídos do sistema e das graças de Deus, ou seja, estão condenados à exclusão social no mundo moderno. Sendo a culpa de todos, não há esperança de salvação; o capitalista tem que aumentar sempre seu capital e não pode parar, há a concorrência e o mercado não espera – aos pobres resta pagar essa conta.

Trata-se, assim, de três eixos cruciais da estrutura religiosa do capitalismo na visão de Benjamin (1921) e interpretação de Löwy (2014): primeiramente, o capitalismo como um culto, uma adoração, as compras e vendas no mercado e o dinheiro como objeto de culto. O segundo ponto seria a falta de descanso, ou seja, as horas de trabalho seriam um culto a se praticar todos os dias e as obrigações diárias executadas sem pausa. Podemos dizer que seria a concretização do culto, algo permanente. Por fim, a falta de alívio para a culpa, o capitalismo como uma religião culpabilizadora, uma dominação que leva ao desespero; quanto mais o indivíduo compra, mais fica devendo. Dessa forma, temos ainda o lucro exorbitante no jogo do “quanto mais, melhor”.

Nesse sentido, qual a religião que mais deu certo no mundo? Não é o budismo, nem o catolicismo, nem o cristianismo e nem o islamismo. É o capitalismo. A diferença é que no capitalismo não existe uma Bíblia. No capitalismo, vale tudo para angariar o lucro. Esse lucro concentra-se “religiosamente” nas mãos de poucos (ACHBAR, ABBOTT, 2003). Sob certos aspectos, este trecho do documentário traduz o pensamento de Walter Benjamin acerca do tema religião e capitalismo. Percebe-se que a relação entre religião e capitalismo é amplamente discutida no meio das ciências sociais, entre sociólogos e antropólogos. Em que medida, porém, a religião ou a religiosidade atua no mundo moderno? É razoável dizer que a religião, enquanto fenômeno social, abrange quase todas as esferas da vida do indivíduo nas sociedades contemporâneas, modificando, ao longo da história, relações de trabalho num

movimento, por vezes silencioso, por vezes de maneira estrondosa. A Sociologia pode corroborar a compreensão desse fenômeno no sentido de identificar mudanças cada vez mais fortes e visíveis referentes à modernização. Por outro lado, na Antropologia:

A ideia de que a conversão às igrejas e grupos protestantes produz uma ruptura com o passado em direção ao desencantamento do mundo e à modernização tem sido constantemente colocada em xeque por pesquisas etnográficas em diferentes partes do globo. Essas pesquisas, por sua vez, têm apontado com frequência para situações em que as pessoas que se convertem não estão dando necessariamente um passo em direção ao desencantamento do mundo. Ao contrário, a experiência da conversão com frequência situa os convertidos num mundo repleto da presença de deuses, espíritos, demônios, anjos, energias, onde vivem como se já fossem tocados pela eternidade e tivessem entrado na economia de uma ordem sobrenatural. (STEIL; HERRERA, 2010).

Geralmente, temos a religião como uma expressão da vida e da moral privadas e, portanto, parte da dimensão da subjetividade, ou seja, escolha pessoal, fé. No mundo moderno das grandes corporações, enfatiza-se a necessidade da produção e do crescimento pessoal/profissional. A religião no mundo contemporâneo passou a ser instrumentalizada por empresas, batizada, nos últimos anos, como espiritualidade no ambiente de trabalho. Até onde se possa ver, a religião ainda pode fornecer elementos para funcionar como mecanismo de controle social/exploração/expropriação, conduzindo a uma manipulação por parte das elites ou grupos dirigentes de uma sociedade (SIQUEIRA, 2005).

De acordo com Deis Siqueira, pesquisadora do CNPq e pesquisadora associada do Departamento de Sociologia da UnB, indica-se uma nova perspectiva paradigmática, onde as empresas estariam mais suscetíveis aos valores individuais de seus empregados. Pesquisas recentes apontam para uma ressignificação da religião, no sentido da alternatividade espiritual, permitindo melhores negociações entre economia e religiosidade.

Em suma, o reconhecimento da importância de se avançar nos estudos do campo religioso que se deslocam cada vez mais em direção a uma economia globalizada nos leva a repensar essa relação, que há séculos atravessa as fronteiras de modelos e configurações comuns aos conceitos atribuídos a esse fenômeno social.

As empresas capitalistas modernas têm empreendido esforços para adquirir uma nova visão sob a perspectiva das diferentes práticas religiosas de seus funcionários. Ao ouvir os pequenos comerciantes no decorrer da pesquisa para este trabalho, notamos uma certa tendência ao respeito às crenças individuais, embora os protestantes, aparentemente, tenham se mostrado mais vigorosos na associação da sua fé em relação a todas as dimensões da vida social, em particular, com o êxito nos negócios.

3 CAPÍTULO II – PANORAMA RELIGIOSO: BRASIL DE ONTEM E HOJE

Neste capítulo temos como objetivo apresentar o conceito de religião e seu caráter sociológico na visão de Max Weber, descrever o cenário religioso brasileiro, bem como demonstrar o estabelecimento dos pentecostais no país e estatísticas que apontam sua expansão, além dos principais conceitos de autores clássicos e contemporâneos da Sociologia em que relacionam diretamente religião e capitalismo.

3.1 CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO

Segundo Durkheim, a primeira forma de pensamento social tem como base a religião, sendo o fundamento desta a sociedade. Dessa forma, não existe representação religiosa em indivíduos isolados. As representações religiosas são representações coletivas que mostram as necessidades de uma sociedade (DURKHEIM, 1978). A religião é parte integrante da vida de todos os povos e também um dos fatores mais característicos de uma sociedade. Nas sociedades contemporâneas, o fator religioso é tão importante quanto complexo sob o ponto de vista da evolução humana.

Da obra do sociólogo Carlos Eduardo Sell, *Max Weber e a Racionalização da Vida* (2013), que nos apresenta uma nova visão sobre a Sociologia comparada das religiões de Weber, temos a possibilidade de uma releitura no que tange à peculiaridade do racionalismo ocidental, considerando que procuraremos entender como Weber embasou seu conceito de religião.

Na filosofia da história, de Hegel, a religião, como uma construção da evolução do espírito absoluto, ocupa uma posição privilegiada, situada logo após a arte e abaixo apenas da Filosofia. No campo religioso podemos distingui-las em três tipos: as religiões naturais (momento intelectual), as religiões da individualidade abstrata (momento negativo) e, pela suplantação desta contradição, estão as religiões reveladas (momento especulativo). Ao momento negativo ou dialético das religiões das artes pertencem a China, a Índia e a Pérsia. Num grau mais elevado estão as religiões do mundo: a grega, a romana, o judaísmo em primeiro lugar e a superação desta antinomia pelo cristianismo, principalmente, na sua versão protestante (SELL, 2013, p. 69).

O conceito de religião, para Weber, foi diretamente influenciado por Robert Ranulph Marret, quando o professor e filósofo publicou um estudo sobre as “religiões preanimistas”,

em 1889. Marret, em oposição a Tylor, para quem a mitologia atravessaria os tempos até a modernidade e afastando-se da tese de Fraser – para quem a religião seria uma evolução da magia, propôs o simbolismo com base da distinção entre o natural e o sobrenatural. Por outro lado, as pesquisas do professor Erwin Rohde quanto ao conhecimento dos poderes sobrenaturais; os da alma, espírito, divindade, demônio etc. no mundo grego também contribuíram para o conceito de Weber na transição do naturalismo para o simbolismo, dando sua própria interpretação às hipóteses apresentadas. Surgiu, dessa forma, seu próprio conceito de “carisma” (SELL, 2013, p. 73).

Essas influências fazem Weber chegar mais perto do fenômeno religioso através da “ação religiosa ou magicamente motivada” da *Religiöse Gemeinschaften* (Comunidades Religiosas), escrita com a intenção de situar a religião na sua relação com a economia (SELL, 2013, p. 78). Para Weber, “a ação religiosa ou magicamente motivada” está voltada para a vida na terra, para ter longevidade e plenitude no mundo. Assim, o autor estabelece a ação religiosa motivada pela ordem econômica.

Por outro lado, no texto *Zwischenbetrachtung* (Consideração Intermediária), Weber demonstra que o campo religioso, além de ter sua característica, também tem sua lógica e não depende da economia ou de qualquer esfera da vida social. Cabe notar, a esfera religiosa é um campo no sentido da ação, com aspectos materiais e ideais, que se movimenta seguindo sua própria lógica (SELL, 2013, p. 78). Nesse contexto, Weber, na elaboração dos tipos de ação, pensava sociologicamente na fenômeno religioso. O que o autor definia como “ação comunitária”, à época (1913), passaria a ser representada pela “ação social”. Portanto, Weber não traz o conceito de “religião” ontologicamente e, sim, por meio da ação social, oferecendo elementos para a análise do fenômeno religioso sob várias perspectivas no campo social e cultural. Ao interpretar o pensamento de Weber sobre o conceito de religião, Sell oferece uma análise detalhada para a compreensão da sociologia da religião no contexto histórico da época. Dessa forma, temos agora como passar ao cenário religioso brasileiro numa visão voltada à história do Brasil desde os tempos coloniais até o tempo presente, com enfoque na atuação religiosa dos protestantes ao chegarem aqui.

O processo de transformação cultural pelo qual passa o Brasil, em consequência de um sincretismo religioso em larga escala, causou um impacto considerável na Igreja Católica. Mapear o cenário religioso brasileiro é, antes de tudo, analisar parte da cultura de um povo.

O catolicismo foi, no passado colonial brasileiro, uma religião obrigatória (NEGRÃO, 2008), mas com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, os primeiros protestantes puderam realizar cultos por aqui. Não obstante, com a liberdade que os missionários norte-

americanos tiveram em terras brasileiras, não houve alteração no cenário religioso, pois o catolicismo continuava dominante, apesar da aquiescência dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II em relação à prática do protestantismo no país. Com a proclamação da República e uma Constituição estabelecida, nasce uma sociedade pluralista e laica que iria se desenvolver durante o século XX. Entretanto, a Igreja Católica preservou muito do catolicismo colonial, a despeito das mudanças republicanas. A partir disso, muitos brasileiros que se declaravam católicos o faziam por simples tradição e formalidade. O mais curioso, por assim dizer, é que o catolicismo sofreu influências da cultura religiosa popular desse mesmo povo que exercitava sua fé em casa, com devoções, promessas e rezas para santos e padroeiros, além da pajelança, prática comum no norte e nordeste do Brasil e do curandeirismo e superstições, como retratou Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*:

Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível, a vida dos filhos, netos, bisnetos. Em muita casa-grande conservavam-se seus retratos no santuário, entre as imagens dos santos, com direito a mesma luz votiva da lamparina de azeite e as mesmas flores devotas. Também se conservavam às vezes as tranças das senhoras, os cachos dos meninos que morriam anjos. Um culto doméstico dos mortos que lembra os dos antigos gregos e romanos.

No sincretismo religioso brasileiro (NEGRÃO, 2008), há também o culto às imagens de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, ou seja, as imagens são as mesmas, mas a primeira é reverenciada no mar e a segunda, na Igreja Católica. Vale observar que o catolicismo brasileiro, ao longo da história, incorporou características de outras religiões com as quais conviveu durante séculos, apesar de dura cruzada do clero católico contra a religiosidade popular (NEGRÃO, 2008).

Ainda, de acordo com Negrão (2008), por volta de 1910, os Pentecostais começam a chegar ao Brasil, disseminando a crença de uma segunda vinda de Cristo, além do dom da cura dos males do corpo e da alma. Assim, essa corrente evangélica cresceu de forma acelerada nas décadas seguintes. A partir disso, centenas de igrejas foram formadas e diversas mudanças ocorreram em seu interior, tornando essa religião cada vez mais complexa, heterogênea (MARIANO, 1996). É razoável dizer, com cultura e características próprias de seu fundador e de seu local de origem.

Com o intuito de auxiliar na compreensão do pentecostalismo brasileiro em sua história, com suas diferentes vertentes, pesquisadores como Paul Freston (1994; 1995), Ari Oro (1996), Ricardo Mariano (1996), entre outros, passaram a organizar este campo religioso, denominando-o como Teoria das Três Ondas. Essas ondas não são estagnadas; elas

estabelecem relações e se ordenam no sentido de tornar clara a evolução deste movimento religioso, principalmente no aspecto histórico de fundação das igrejas e das distintas teologias (MARIANO, 1996).

Com a chegada, em São Paulo, da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus, no Pará (1911), dá-se início ao pentecostalismo clássico, que duraria 40 anos e foi denominado como “a primeira onda”. As duas igrejas, argumenta Mariano (1996), caracterizavam-se pelo anticatolicismo, por radical sectarismo, pela ênfase no dom de línguas e ascetismo de rejeição do mundo. De lá até os dias de hoje, alguns aspectos dessas características foram tomando outras formas, em particular, na Assembleia de Deus, que tem acompanhado as mudanças em torno do movimento pentecostal na sociedade contemporânea, enquanto que a Congregação Cristã do Brasil manteve-se inalterada, estática em suas crenças e valores.

O pentecostalismo neoclássico (MARIANO, 1996) surgiu como uma segunda onda e nela chegaram os fundadores da Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1951). Os missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel* foram os responsáveis pelo crescimento e disseminação do pentecostalismo no Brasil e no conceito do evangelismo baseado na cura divina, provocando, assim, a fragmentação denominacional (MARIANO, 1996). Na esteira da Igreja Quadrangular, vieram, também, a Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1962), ambas fundadas em São Paulo. Além da promessa da cura dos males do corpo e da alma (cura divina), essas Igrejas estabeleceram-se com a ajuda da mídia (rádio), que até a década de 50, por conta do sectarismo, ainda não tinha sido utilizado no evangelismo. Além disso, adotaram tendas de lona itinerantes para atrair seus fiéis.

A terceira onda, designada neopentecostais por Mariano (1996), inicia, cresce e se fortalece entre metade dos anos 70 até os anos 90. Fundada por pastores brasileiros, denota poucas características de seitas, usa a mídia eletrônica ativamente, participa da política partidária e tem uma forte inclinação de acomodação do mundo.

Essas Igrejas caracterizam-se principalmente por propagar a Teologia da Prosperidade, onde o fiel é induzido a pensar que é o escolhido para ser próspero economicamente saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, desvirtuando, dessa maneira, o adágio franciscano do “é dando que se recebe”. Além disso, de acordo com Mariano (1996), é disseminada a ideia de uma guerra espiritual contra o diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões. Particularmente em relação aos cultos afro-brasileiros, é fundamental não adotar os tradicionais e estereotipados usos e

costumes de santidade que, até recentemente, eram vistos como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

Num breve resumo das igrejas neopentecostais, seus feitos e conquistas, a primeira a surgir, das principais igrejas neopentecostais que fazem parte da terceira onda, é a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) (1977, Rio de Janeiro). Seu líder, o bispo Edir Macedo, não por acaso, é um profundo conhecedor da religiosidade brasileira. O exorcismo é o ponto máximo de seus cultos, oferecendo elementos sobrenaturais para eliminar magias ou feitiços num confronto direto com as religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé. O culto de adoração da IURD é totalmente participativo e incorpora agressivamente técnicas de *marketing* modernas na evangelização, além de ressaltar o milagre da transformação da vida no que diz respeito ao corpo, espírito, bem viver e padrões de consumo, “carro-chefe” da Teologia da Prosperidade (GARRARD-BURNETT, 2011). A igreja concentra-se nos desejos materiais dos fiéis, que vivem em um mundo propício ao consumo e onde a pobreza é sinônimo de pecado e a riqueza é sinônimo de graça alcançada. Seguindo na terceira onda, temos ainda a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás), dona da maior rede gospel do Brasil, a TV Gênesis, além da Rádio Sara Brasil, presente em nove capitais do país e com canais na internet acessíveis ao mundo inteiro. Em seguida, há a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), que possui mais de 6 mil templos espalhados pelo mundo. No Brasil, seu fundador e líder, Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como Missionário R. R. Soares e cunhado de Edir Macedo (IURD), é dono, entre muitos outros empreendimentos de comunicação, da “Graça Editorial”, que já publicou 33 livros de Kenneth Hagin, grande propagador da Confissão Positiva. O Missionário, em seu curso da fé, diz:

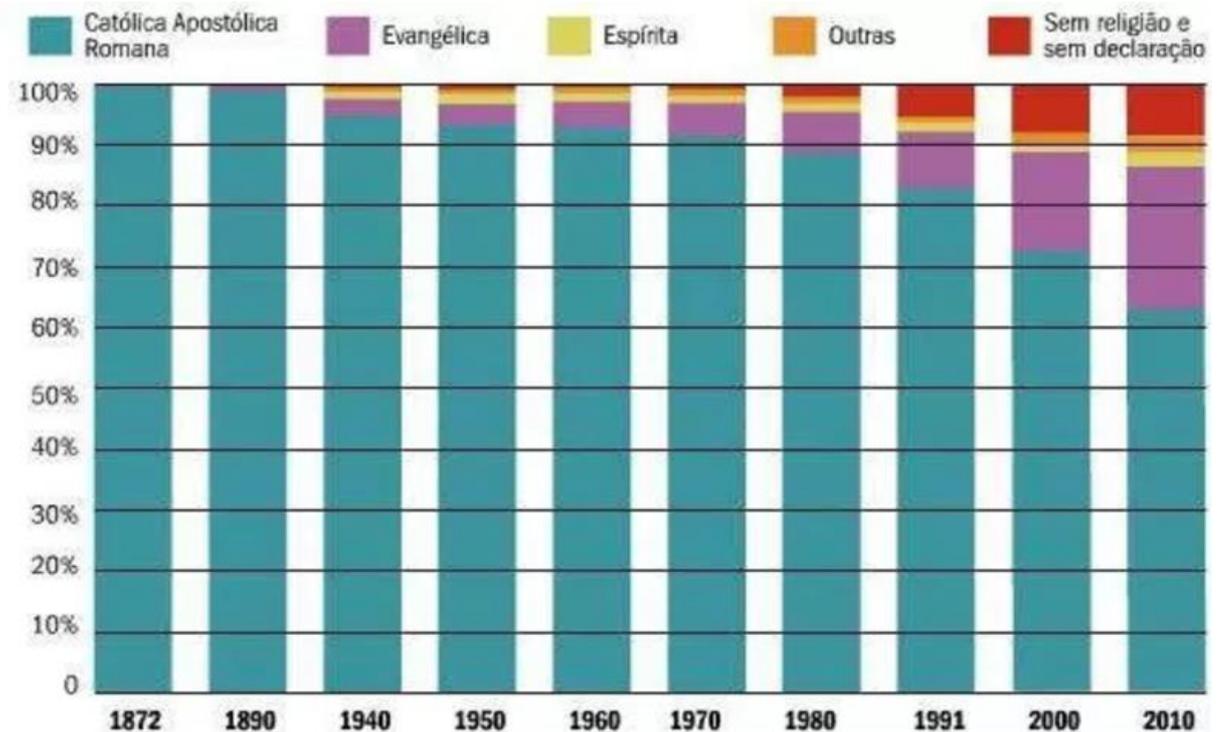
Somos hoje exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconscientemente havíamos declarado que seríamos, e seremos no futuro próximo tudo que agora estamos declarando [...] São as nossas palavras que nos governam, que nos dão saúde, paz, prosperidade e felicidade. São também as nossas palavras que nos fazem derrotados doentes e miseráveis [...] só conseguiremos aquilo que falarmos [...] temos aprendido que a parte de Deus em relação à nossa cura já foi feita. Hoje somos nós que temos que fazer a nossa parte [...] São unicamente as nossas palavras que nos dão saúde. (Curso Fé, lição IX, “As palavras”, apud MARIANO, 1996).

Por fim, há também a Renascer em Cristo (1986, São Paulo), proprietária da Renascer Arena, um ginásio com lugar para 8 mil pessoas e estacionamento para mil carros, que dizem ser mais uma conquista do povo de Deus.

Nesse contexto, as Três Ondas demonstram a evolução do pentecostalismo no Brasil do surgimento, na década de 1910, até o neopentecostalismo em vigor nos dias de hoje. Para Mariano (1996), essas mudanças tiveram vários motivos: crescentes importações de teologias, de literaturas, novos rituais, incluindo manifestações extáticas, novos ritmos musicais, intercâmbio de pastores estrangeiros, novos líderes oriundos de igrejas tradicionalistas que aderiram às novidades que surgiram e fundaram suas próprias igrejas, bem como mobilidade social dos fiéis, agora desejosos de desfrutar das boas condições econômicas que o mundo podia lhes dar. No entanto, precisavam se livrar das concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos deveriam ser desinteressados de coisas e valores materiais terrenos. De todo modo, o pentecostalismo, com essa diversidade interna, absorveu essas novas demandas ancorado pelas novas concepções bíblicas da Teologia da Prosperidade, tema de que trataremos, especificamente, no tópico seguinte.

Estatisticamente, podemos observar, no gráfico do IBGE, a seguir, escaladados evangélicos (neopentecostais) que, ao surgirem, na década de 1970, eram apenas 5,2% no total da população, saltando para 22,2% em 2010.

Gráfico 1 – Escalada dos evangélicos



Fonte: Directoria Geral de estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890, e IBGE – Censo Demográfico 1940/1991 (apud CENSO 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

Em 2017, pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha¹ indicava que o número de evangélicos no Brasil tinha aumentado sete pontos percentuais, ou seja, está girando atualmente em torno de 29% da população.

Gráfico 2 – Distribuição religiosa da população



Fonte: O Globo (2017).

De acordo como sociólogo José Eustáquio Diniz Alves, professor titular da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) do IBGE, em entrevista à Revista Veja (2012):

O impacto dessa mudança é grande para a Igreja Católica. A Rússia teve revolução e permaneceu ortodoxa. Os Estados Unidos, mesmo com a guerra civil, se mantiveram protestantes. Entre os países grandes, mudanças assim só ocorreram em consequência de guerras e revoluções. No Brasil, a revolução é silenciosa.

Nas comunidades pobres, os pentecostais atuam como mentores e conselheiros, além de prestarem assistência aos membros da comunidade em defesa de uma política que tire essas pessoas da condição de carência. Com efeito, onde o Estado e a Igreja Católica não estão, os pastores evangélicos, em seus cultos, com o uso de artifícios, como água, óleos, fogueira santa e mantos sagrados, numa grande mistura de elementos do catolicismo popular e com mensagens adaptadas para os diversos públicos, conseguem, a cada dia, arrebanhar mais seguidores. No entanto, o censo indica que os votos das pessoas com formação superior e independentes financeiramente aumentaram de modo significativo. Para Diniz (ano), “a “teologia da prosperidade” é um dos fatores desse processo. A corrente da teologia da

¹ O Datafolha foi criado em 1983, ainda como Departamento de Pesquisas e Informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S. Paulo e outros veículos e serviços da empresa. Hoje é um dos mais importantes institutos de pesquisa de opinião do Brasil.

prosperidade tem suas raízes no século XIX, nos Estados Unidos, e surge no Brasil na década de 1970, trazida pelo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, bispo Edir Macedo. Trata-se de uma milagrosa associação de fé e dinheiro, ou melhor, fé e doações financeiras, como veremos no próximo tópico.

Pregando valores morais com maior rigidez e defendendo a perpetuação da família, a Assembleia de Deus é o maior segmento evangélico no Brasil, com doze milhões de fiéis, ficando atrás apenas da Igreja Católica que, apesar do declínio, continua em primeiro lugar com 64,6% dos brasileiros que se declararam católicos, de acordo com o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Vale observar que, em pesquisa realizada pelo Datafolha, publicada em dezembro de 2016, a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), precursora da Teologia da Prosperidade no Brasil, ocupa o terceiro lugar entre os fiéis. Dessa forma, dos que se declararam evangélicos nessa pesquisa, 34% pertencem atualmente à Assembleia de Deus, e, num patamar abaixo, aparecem, na sequência, Igreja Batista (11%), Universal do Reino de Deus (8%), Congregação Cristã no Brasil (6%), Quadrangular (5%), Deus é Amor (3%), Adventista (3%), Presbiteriana (2%), Internacional da Graça de Deus (2%) e Mundial do Poder de Deus (2%), dentre outras menos citadas.

Percebemos que, das dez igrejas que aparecem na pesquisa citada acima, intitulada “Perfil e Opinião dos Evangélicos no Brasil”, das cinco primeiras colocações, apenas a Igreja Batista não pertence à Pntecostal. Em nova pesquisa, publicada em outubro de 2018, do Datafolha, para toda a população, a distribuição religiosa encontrada foi: 56% católicos, 30% evangélicos, 7% sem religião e 7% outras.

Embora em declínio, observamos que o catolicismo ainda é o alicerce espiritual da nossa sociedade, seja por ser uma instituição milenar já incorporada na vida dos brasileiros, seja por tradição familiar ou por devoção aos santos católicos ou até por acomodação frente às crenças e sacramentos da Igreja Católica, como o batismo ou casamento, estabelecidos em suas vidas desde a infância. Entretanto, pode ser que a liberdade de escolha conduza os católicos por outras vertentes religiosas por essas fazerem apropriações diferentes das religiões tradicionais que visam ao preenchimento de um vazio que a modernidade deixa nesse cenário (MACHIAVELLI, 2018).

3.2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Na esteira de Mariano (1996) e Gomes (1994), o Movimento da Fé, Confissão Positiva ou Teologia da Prosperidade pode ser descrito como um conjunto de princípios que afirma que o fiel é merecedor da felicidade plena e da fortuna e, para tanto, é necessário exercer o controle da mente e proferir as palavras dos seus desejos com uma fé convicta, reivindicada e exclamada como um direito absoluto.

Para entendermos a Teologia da Prosperidade (TP), faz-se necessário conhecer sua origem. O calvinismo tem como princípio o trabalho, para, então, se adquirir o benefício da abundância de bens materiais e uma vida repleta de felicidade. Para Weber (1965), estamos diante de uma visão abrangente da ética do trabalho na lógica de produção de capital. Embora a orientação para o trabalho árduo e a total desaprovação ao ócio tenha florescido em diferentes regiões da Europa, esse processo teve início nos Estados Unidos a partir do século XIX, procedente do puritanismo. O pioneiro desse movimento foi Essek William Kenyon, pastor norte-americano da Igreja Batista Nova Aliança. Ele também levou suas ideias para igrejas metodistas e pentecostais, desligando-se posteriormente destas igrejas e passando a adotar uma abordagem diferenciada na relação de Deus com seus fiéis (LEMOS, 2017). A Confissão Positiva, porém, difundiu-se sob o comando de Kenneth Hagin. Evangelista batista, convicto da cura divina, logo se uniu aos pentecostais recebendo, em 1937, o batismo do Espírito Santo. Em seguida, passou a pregar na Assembleia de Deus, onde ficou por doze anos. Hagin fundou seu ministério em 1962, onde revalidou sua “autoridade espiritual” (MARIANO, 1996) com base em profecias, visões e relatos sobrenaturais dos oito encontros que disse ter tido com Jesus entre os anos de 1950 e 1959. Sabe-se que Hagin foi influenciado ideologicamente por Kenyon, autor original da Confissão Positiva. Hagin chegou, inclusive, a plagiar os escritos do evangelista e escritor estadunidense.

Kenyon aderiu aos ensinamentos das “seitas metafísicas”, originárias das ideias do “Novo Pensamento”, do filósofo Phineas Quimby, que estudou o espiritismo, hipnose e outros poderes sobrenaturais para criar sua filosofia. Segundo Mariano (1996), Quimby inspirou e curou Mary Baker Eddy, que fundou, em Boston (1866), a Ciência Cristã. Este movimento religioso tem dois livros básicos da religião: a “Bíblia” e “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras”. A propósito disso, o livro de Mary Baker também inspirou Kenyon. Sendo assim, diz Mariano (1996): “Já em sua origem nos EUA, portanto, a TP resultou da combinação sincrética de distintas tradições religiosas (Ocidentais e Orientais), práticas esotéricas e paramédicas, que deixaram marcas indeléveis neste movimento religioso teológico”.

Somente no século XX, contudo, é que a TP surge em combinação com as novas demandas do mercado religioso. E que demandas eram essas? Para Mariano (1996), a TP desencadeou no pentecostalismo mudanças axiológicas, estéticas, comportamentais e relacionais dos pregadores pentecostais com a sociedade, numa espécie de decomposição com as suas já tradicionais características de religião sectária e ascética. Sabemos que toda religião tem que lidar com sofrimentos advindos de doenças, injustiças, pobreza extrema e morte. As religiões de salvação, invariavelmente, prometem aos seus fiéis o livramento da dor provocada pelo sofrimento – neste mundo ou no além. Com essa promessa, os menos favorecidos abraçam a mensagem exatamente como lhes é oferecida, ou melhor, como uma tábua de salvação. Segundo Weber (1982, p. 317), isto ocorre como “um sucedâneo, ou um suplemento racional, da mágica”. Já os afortunados, diferentemente dos pobres e oprimidos, não têm a mesma necessidade de ser salvos ou redimidos da vida que levam. Para Weber (1982, p. 314), necessitam antes “saber que têm o direito à sua boa sorte” neste mundo (apud MARIANO, 1996).

Os Pentecostais, descententes dos Metodistas e do *Holiness Movement* (Movimento de Santidade, que no Cristianismo ensina que a natureza carnal da humanidade pode ser purificada através da fé e pelo poder do Espírito Santo, possibilitando que seus pecados sejam perdoados através da fé em Jesus Cristo), desde o início atraíram, principalmente, os fiéis mais pobres e excluídos da sociedade com a promessa da salvação, livrando-os de uma vida de privações. De acordo com Mariano (1996), todas as promessas redentoras se realizariam no além, excetuando-se a cura física. Assim, enquanto seus fiéis estivessem à margem da sociedade em tudo que é mais básico na vida, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não ameaçariam a paz da Igreja. Desde que classes sociais mais abastadas foram se convertendo e mais fiéis foram tendo ascensão social, contudo, essa paz poderia, sim, abalar a estrutura interna da Igreja Pentecostal, não fosse a acomodação ao mundo. Dessa forma, aos poucos, os pentecostais foram ajustando as mensagens aos seus adeptos, visto que a modernização em todos os setores: cultural, de consumo, lazer etc. estava aberta aos seus fiéis, desejosos em desfrutar das boas coisas que o mundo tinha a oferecer. Para Mariano (1996), o sectarismo e o ascetismo começaram a transigir à acomodação do mundo, seguindo a tendência de institucionalização de importantes segmentos pentecostais.

Como muitos fiéis passaram a ter condições econômicas para usufruir do que o mundo tinha a oferecer de bom, não restou outra alternativa a não ser mudar a antiga concepção teológica de que o verdadeiro cristão não teria interesse em bens materiais. Assim, a nova

doutrina servia para atender ao desejo dos mais pobres em melhorar de vida como para os mais ricos assumirem sua condição financeira com total liberdade.

Com promessas de que o mundo seria *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas. (MARIANO, 1996).

A Teoria da Prosperidade passa a ser, então, uma espécie de marca registrada dos neopentecostais, ampliando o já crescente mercado religioso com estratégias pensadas para responder de imediato a qualquer dúvida que o crente possa ter em relação aos seus desejos de cura de doenças físicas ou mentais, vícios, ascensão profissional, social, material etc. Nas pregações, fica claro que a fé tem que ser incondicional; é preciso, primeiro, agradecer, mesmo antes de receber. A própria dúvida já é motivo suficiente para impossibilitar a graça reivindicada. Além disso, é praxe induzir os fiéis a agirem como se já tivessem recebido, uma vez que no mundo espiritual ela já foi concedida (MARIANO, 1996), apesar das evidências indicarem o contrário.

No plano econômico, a ordem dos líderes das Igrejas Neopentecostais é aumentar as ofertas de dízimos dos seus fiéis e arrecadar o máximo possível, numa troca dinâmica de “dar para receber”. Com a Teoria da Prosperidade, a salvação é dada como certa e os demônios afastados da vida do crente. A prosperidade, a felicidade, a saúde e a vitória fazem parte do roteiro. Em nome de Jesus, o crente deve exigir seus direitos em voz alta, ser obediente a Ele e, sobretudo, nunca esquecer de pagar os dízimos. De acordo com Mariano (1996), a fidelidade no pagamento do dízimo leva o fiel à prosperidade, enquanto os que não são constantes na “doação” alcançam apenas graças pontuais. O pagamento do dízimo na Teoria da Prosperidade está diretamente atrelado à prova de fé do fiel. Os que não pagam “religiosamente” os dízimos estão roubando a Deus e serão amaldiçoados por estarem contribuindo para o diabo.

Além disso, durante os cultos, os crentes são lembrados que a Igreja tem contas a pagar. Os pregadores neopentecostais falam de múltiplas contas. Citam com a maior naturalidade as contas de luz, água, telefone e, principalmente, os altos custos que têm para manter os programas de rádio, televisão e construção de novos templos. Nesta doutrina, muito tempo é gasto com o objetivo de arrecadar mais e mais dos seus fiéis, chegando ao ponto de completo constrangimento dentre os presentes durante os cultos.

Os neopentecostais são duramente criticados pela veemência com que manifestam a necessidade das ofertas em dinheiro, cheque e até bens móveis e imóveis dos seus seguidores. De acordo com Mariano (1996), os pedidos de ofertas geralmente acontecem após cenas de exorcismo, testemunhos de curas, cânticos e fervorosas orações, tudo para demonstrar o quanto Deus tem poder. Mas, ao perceberem o pouco movimento dos fiéis no sentido de ofertas, os pastores dizem: “tá amarrado”, numa clara alusão ao Diabo que supostamente estaria impedindo os fiéis de colaborarem.

Paralela à discussão sobre prosperidade e fé, junto, caminha a desconfiança da sociedade, a marcação cerrada da imprensa e o desgaste da imagem das Igrejas frente alguns escândalos em que se envolvem os pastores líderes neopentecostais. Entretanto, segundo Mariano (1996), no seu processo de acomodação à sociedade, os crentes neopentecostais adquiriram uma relação e valor teológico positivos com o dinheiro. Há cultos especiais para esta corrente de prosperidade com base no “é dando que se recebe”. O fato é que essa corrente continua crescendo, não obstante as intempéries por que passam os neopentecostais quando se pensa na íntima relação deste grupo com o capitalismo.

Para David Martin (1990), a Teologia da Prosperidade parece ser um exemplo da afinidade entre pentecostalismo e êxito econômico, todavia, completamente distante do puritanismo calvinista. Essa relação é recente e fragmentada. Para Weber (1991), no ascetismo protestante, a riqueza proveniente do trabalho diário, metódico e racional era um sinal legítimo do estado de graça do indivíduo. A riqueza alcançada não era intencional; era, antes, fruto da disciplina religiosa do eleito. A acumulação primitiva de capital resultaria, diretamente, da ética puritana, que impediria o crente de consumos desnecessários (apud MARIANO, 1996).

Ao contrário, no neopentecostalismo não se deseja a riqueza para comprovar seu estado de graça. A riqueza é para ser desfrutada neste mundo. Diz Mariano (1996): “Sua motivação consumista, notadamente mudana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo da vertente calvinista”.

A análise da Teologia da Prosperidade, principalmente quanto ao seu crescimento acelerado, a despeito de todas as controvérsias existentes nos estudos recentes, demonstra que as ações, estratégias, *modus operandi* diferem de uma Igreja para outra. Existem, contudo, pontos comuns que podemos citar: 1) a centralização de recursos financeiros com o fim de investir em meios de comunicação em massa, construção de templos, envio de missionários para abertura de novos campos de missão e o sustento de pastores que trabalham em tempo integral; 2) a racionalização empresarial de gestão e da organização institucional; 3) formação

expressa e em larga escala de pastores; 4) atração dos fiéis através do televangelismo; 5) oferta sistemática e organizada de curas, exorcismos, libertações espirituais, ritos e promessas de prosperidade financeira e resolução de todos os tipos de problemas familiares (serviços mágicos) de forma a suprir os interesses e demandas dos seus fiéis, além de ampliar a procura por seus bens e serviços religiosos.

Em síntese, segundo Mariano (1996), a Teologia da Prosperidade, ironicamente, caracteriza-se pelos serviços mágicos oferecidos, desprezando, dessa maneira, o antigo ascetismo protestante. Assim, pode estar descartando o principal componente de natureza ética do protestantismo capaz de realizar as promessas da teoria praticada sistematicamente nas Igrejas Neopentecostais: a prosperidade desejada por seus fiéis.

4 CAPÍTULO III – REGIÃO DO ESTREITO: SUAS PECULIARIDADES

Neste capítulo temos como objetivo apresentar a história da formação da região do Estreito, sua vinculação ao município de Florianópolis e seu desenvolvimento até os dias de hoje.

4.1 ESTREITO: CONHECENDO O BAIRRO

Localizada na região sul do Brasil, Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, é composta pela ilha principal, ilha de Santa Catarina, pequenas ilhas circundantes e a parte continental. Colonizada por imigrantes açorianos, mantém até hoje as tradições culturais e as manifestações religiosas trazidas pelos portugueses. Florianópolis, até 1894, foi chamada de Nossa Senhora do Desterro e a faixa continental litorânea do estado de Santa Catarina de Alexandria (CASCAES, 2014). Além de ser uma cidade com uma natureza exuberante, Florianópolis é repleta de histórias, lendas e mitos que fazem das bruxas, personagens principais da Ilha da Magia, título atribuído à cidade não só pelo encanto de cada uma das suas belas praias, mas também pelo seu rico folclore. São muitas as histórias. Uma das mais antigas conta que, no passado, as bruxas roubavam os barcos dos pescadores e faziam de suas tarrafas salão de clube de dança, arrasta-pé bruxólico deixando-os muito assustados (CASCAES, 2014); outra diz que, para morar na cidade, é necessário pedir licença às bruxas, pois só assim a pessoa terá sucesso e paz. Uma história mais atual conta que se pode reconhecer uma bruxa se, ao ser apresentada, ela estender a mão esquerda para cumprimentá-lo.

A maior parte da população de Florianópolis mora em partes do centro, no norte da ilha e no continente, onde estão localizados os bairros Coqueiros e Estreito, que são os bairros mais próximos da ilha de Santa Catarina. O bairro Estreito recebeu este nome devido à sua localização na parte mais estreita do mar – que separa a ilha do continente. O acesso ao bairro ocorre lado direito sentido ilha continente através da ponte Colombo Sales.

É no começo do antigo caminho do Estreito que, em 1890, foi inaugurada a primeira edificação pelo poder público em Florianópolis, a Hospedaria dos Imigrantes do Saco do Padre Inácio, que hospedava imigrantes estrangeiros recém-chegados ao Brasil e que iriam trabalhar na zona rural. O prédio abrigou diversas instituições públicas entre os anos de 1907

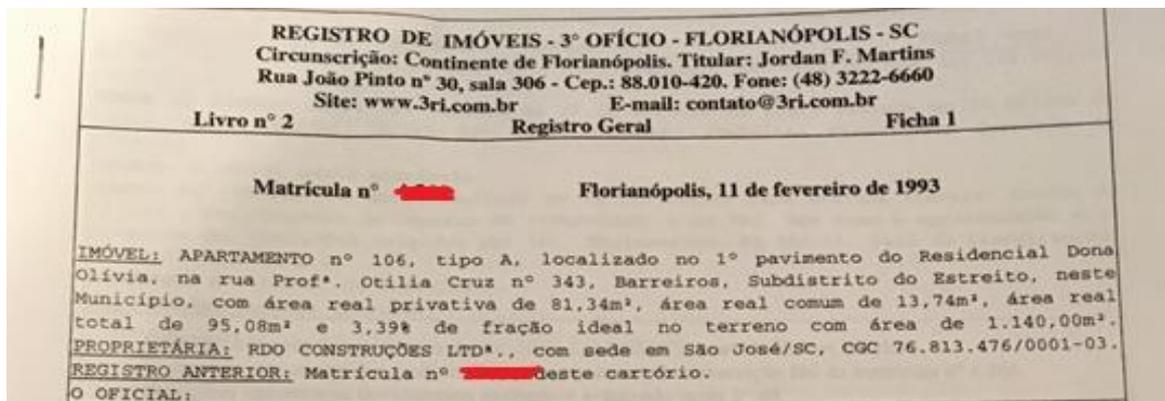
e 1943. Funcionou no local a Escola de Aprendizes Marinheiros que hoje está situada na Av. Marinheiro Max Schramm. Localizado na cabeceira das pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Sales, o local passou por reforma em 1984 para abrigar o Portal Turístico de Florianópolis mas, atualmente, é ocupado pela Guarda Municipal.

Na década de 1920, o continente passou a ser um local de lazer para as classes mais abastadas da ilha que passaram a frequentar as praias de Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Balneário do Estreito. O bairro, inicialmente pertencente ao município de São José e que já teve o nome de João Pessoa, em 1944, por decreto-lei, foi incorporado a Florianópolis devido à inferioridade territorial da cidade frente a outras capitais brasileiras. Até a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926, os cerca de 40 mil habitantes de Florianópolis dependiam das balsas para realizar a travessia entre a ilha e o continente. Com o aumento do tráfego e o crescimento de funcionários e operários que trabalhavam na ilha e moravam no continente, foi necessária a construção de uma nova ponte. A ponte Colombo Sales, com 1.227 metros, foi inaugurada em 8 de março de 1975 e dezesseis anos depois foi inaugurada a ponte Governador Pedro Ivo Campo, buscando suprir a demanda do crescimento urbano.

O Estreito era formado por enormes chácaras e muitas se transformaram em ruas e bairros (SOARES, 1991). Ao longo do século XX, foram construídos pequenos prédios de até três andares, casas e edificações funcionais e religiosas que identificam e preservam a história do bairro, como, por exemplo, o 63º Batalhão de Infantaria (1936), a Igreja e Santuário de Nossa Senhora de Fátima (1945), a Escola de Aprendizes Marinheiros (1950) e o Corpo de Bombeiros (1965), para citar apenas algumas e que estão marcadas e legendadas no mapa a seguir (LEITE, 2009).

ficam próximas ao endereço. Assim, o bairro foi se desenvolvendo e vemos numa mesma rua dois bairros, de um lado placa da prefeitura indica o nome do bairro como “Canto”. Atravessando a rua, bem em frente, outra placa aponta que o bairro é Balneário. Dessa forma, temos vários bairros ao longo das ruas principais da região do Estreito. Outro exemplo interessante e bem próximo é o endereço do atual apartamento em que moro. No registro do imóvel (foto abaixo), datado de 11/02/1993, o bairro que consta do endereço é Barreiros, Subdistrito do Estreito, município de Florianópolis. Barreiros hoje é um bairro do município de São José.

Figura 2 – Registro de imóvel que mostra Barreiros, em São José, como subdistrito do Estreito, em Florianópolis



4.2 CAMPO DA PESQUISA

Com o contínuo aumento da população da região do Estreito, o comércio teve um acentuado crescimento, apresentando uma maior oferta e diversidade de produtos e serviços. A região na última década passou por melhorias na infraestrutura e aparentemente gerou uma qualidade de vida para os moradores e comerciantes em relação às melhorias do bairro que envolve áreas de lazer, alimentação, academias ao ar livre, unidades de saúde básicas e de pronto atendimento, igrejas, templos, terreiros e casas espirituais, boas escolas públicas e privadas, enfim, tudo que um bairro pode oferecer e que é necessário para o bem-estar das pessoas que o habitam, além de ser notável os efeitos econômicos gerados pelo crescimento e modernização da região.

O espaço da nossa investigação será as principais avenidas e ruas da região do Estreito, além das ruas secundárias, travessas e servidões onde possivelmente encontraremos, também, pequenos comerciantes e prestadores de serviço, grupo-alvo deste estudo.

Serão considerados nesta pesquisa como região do Estreito, os bairros Estreito, Canto, Balneário e Jardim Atlântico. Nestes bairros estão as principais rotas de entrada e saída da região, principalmente para quem mora no bairro Barreiros e outros bairros próximos, pertencentes ao município de São José. Também fazem esse percurso, moradores de alguns bairros do município de Biguaçu. Além disso, esses moradores dos dois municípios usam a mesma rota para acessar o centro de Florianópolis.

Algumas das principais ruas do bairro e onde estão concentrados grande parte do comércio são: rua Fúlvio Aducci que tem como sua continuação a rua Coronel.Pedro Demoro, Avenida Marinheiro Max Schramm continuação das ruas General Liberato Bittencourt e General Eurico Gaspar Dutra, Antonieta de Barros e Santos Saraiva, dentre outras.

5 CAPÍTULO IV – OS EVANGÉLICOS

5.1 NARRATIVAS

Ao andar pela região do Estreito esperando a oportunidade de entrar nos pequenos comércios, sem que, com isso, pudesse atrapalhar quem estava atendendo aos clientes, fiquei, muitas vezes, observando as pessoas e o comércio sem que me notassem. A primeira coisa que meus olhos procuravam eram símbolos religiosos. Quando não os via, imaginava logo que o dono daquele estabelecimento poderia ser evangélico. As minhas duas primeiras entrevistas foram com católicos. A terceira e a quarta, com evangélicos. Dessa maneira, entrevistei 37 (trinta e sete) pequenos comerciantes. Desses, 21 (vinte e um) se declararam católicos, 14 (catorze) se declararam evangélicos, encontrei 1 (um) pequeno comerciante que segue a religião espírita e mais 1 (um) disse ser espiritualista.

Foi muito interessante perceber que os evangélicos foram mais receptivos do que os católicos. Entretanto, dos 14 (catorze) evangélicos entrevistados, dois não quiseram dizer seus nomes, mesmo eu tendo garantido que não seriam identificados. No roteiro de entrevista, marquei-os como C (comerciante), do 1 ao 37, apesar de quase todos terem dito seus nomes quando perguntei. Alguns foram além do que eu poderia esperar, narrando histórias de suas vidas, seus comércios e a confissão de uma fé inabalável.

Uma história que me surpreendeu foi a do C6, um homem na faixa dos 40 anos, dono de um restaurante bastante frequentado na região. O restaurante foi inaugurado por seu pai, já falecido, há 40 anos. Segundo C6, desde adolescente foi muito violento, adorava brigar na rua por qualquer motivo e praticava artes marciais. A princípio disse que era solteiro, mas durante nossa conversa revelou ter uma filha de 7 anos. Perguntei: Você não casou com a mãe da sua filha? C6: *Sim, sou casado, mas estamos separados, só fiz besteira.*

Como tinha explicado a ele o tema deste trabalho, a partir da nona pergunta do questionário (qual sua religião?) começou a discorrer fervorosamente sobre como começou sua relação com Deus. Disse que sua família é católica e que é o único evangélico. Relatou que, por se reconhecer como uma pessoa violenta, tinha muito medo de algum castigo. Seus dois maiores medos: ser preso e ter algum tipo de câncer. Nunca foi preso mas há 4 anos descobriu um câncer de testículos. Contou que tem um pastor que frequenta o restaurante há aproximadamente 12 anos e que achava divertido “fazer pouco” do pastor, por este estar sempre querendo levá-lo à sua Igreja. Divertia-se com isso. O pastor, sempre muito calmo,

sorria para ele e dizia: no dia que você precisar de mim, seja a hora que for, pode me chamar. Ainda te levo para minha Igreja. C6 ria muito disso e respondia: sabe quando isso vai acontecer? Nunca.

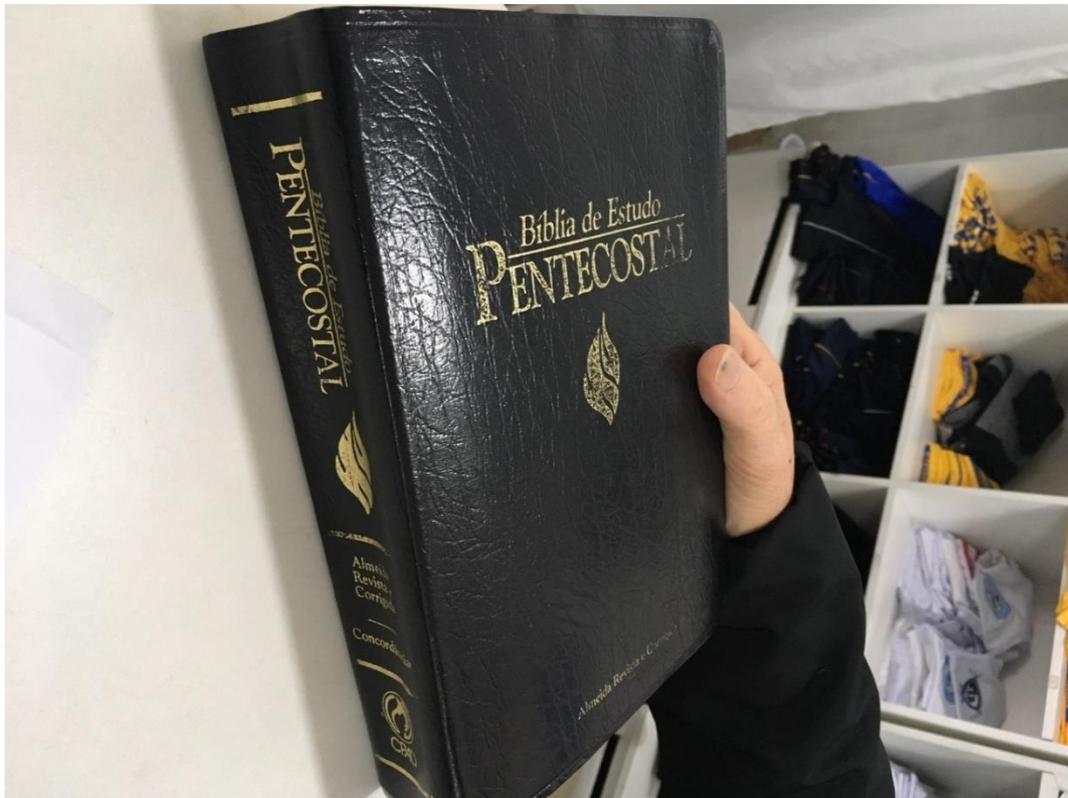
Quando descobriu o câncer nos testículos, numa noite, sozinho em casa, chegou na varanda do apartamento e pensou em pular para a morte. Relata:

Pensei em suicídio mesmo, queria morrer. Um dos meus maiores medo era esse. Foi quando lembrei do pastor. Liguei para ele na hora. Ele me acalmou e conseguiu me convencer a ir à sua Igreja. Perguntei: Qual Igreja? Ele respondeu: Mais de Cristo, fica em Capoeiras (bairro próximo à região do Estreito). Discursou: Foi lá que conheci Jesus. Não basta apenas conhecer Jesus. Tem que se ajoelhar, tem que se humilhar. Foi no altar que me curei. Você não tem ideia da sensação que tive, senti o corpo pegar fogo, era o Espírito Santo. Deus não entra onde não é chamado ou convidado. O mesmo poder que Deus tem, o demônio tem. Deus não dá nada. Demônio que te dá o que você pede. Deus anda do meu lado. Mas tem que ir sete (07) dias para a Igreja para poder entender. Você não tem ideia de como eu era antes. Quando você encontrar... Sempre diga: “Deus, você é muito bem vindo em minha casa”.

No decorrer das outras perguntas, disse que chega cedo ao restaurante, coloca música Gospel e fica orando até a hora de abrir para os clientes, às 11h. Levou aproximadamente 20 pessoas para a sua Igreja, mas nenhum comerciante da região. Convidou-me para conhecer a Igreja Mais de Cristo, cujos cultos aconteciam às quartas e aos domingos, às 19h30min. Insistiu. Perguntei se em sua Igreja havia regras para os fiéis. Disse primeiro que não, depois disse que a Igreja só dava duas orientações: bebida, só pode beber vinho e recomendações para roupas, nada curto e nem decotes. Quando perguntei o que significava prosperidade para ele, respondeu: *Sou bem-sucedido, tenho dinheiro, saúde e paz espiritual.*

A segunda narrativa que me chamou atenção pelo fervor foi a do C4. Um senhor com mais de 60 anos e proprietário de uma pequena loja de roupas há 36 anos. Muito atencioso e gentil, quando falei o tema do meu trabalho, disse que ia adorar responder às minhas perguntas. Contou que trabalha a vida toda só ele e a esposa na pequena loja. Sua Igreja é a “Deus é Amor” e a frequenta toda semana. Tirou a Bíblia de Estudo Pentecostal embaixo do balcão e disse que tê-la ali é um comprometimento com Deus. Perguntei se podia tirar uma foto e ele permitiu (abaixo). Quando agradei, muito sorridente, pediu para que eu tirasse a foto dele com a Bíblia, não só da Bíblia. Fiz o que solicitou, mas como não levei nenhum documento para ele assinar autorizando, optei por não colocá-la neste trabalho.

Imagem 1 – Foto da Bíblia Pentecostal do Comerciante 4



O entrevistado 4 relata que já leu esta Bíblia “umas dez vezes” e que lê diariamente. Nas dificuldades, sempre pede ajuda a Deus. Disse: *Ninguém vai ao Pai se não é por Ele*. Quando perguntei o significado de prosperidade e sua relação com o êxito econômico, respondeu:

É um conjunto de coisas. Dinheiro faz parte da prosperidade. Prosperidade é ser feliz e ter paz. Prosperidade é ter conforto, mesmo numa casa simples. Não confunda conforto com luxúria. Tem que seguir a doutrina que Ele ensinou. Deus deixou condições para escolher se quer ir para o céu ou para o inferno. A pessoa escolhe. Salvação ou condenação é uma escolha. Deus é tudo. Deus tem o controle de tudo. Nada acontece no mundo sem a permissão de Deus. Assim eu creio, assim está escrito.

A C8, uma jovem senhora evangélica, casada, tem um restaurante há 19 anos no Estreito. Tímida, quase não aceitou reponder ao questionário, mas cedeu quando aleguei que não ia tomar muito o seu tempo. Do interior do estado de Santa Catarina, quando falei do tema deste TCC, disse que, se não fosse a Igreja (Assembleia de Deus) que frequentava, tinha desistido. Relatou que ela e o marido não conseguiram criar vínculos em Florianópolis, não tinham amizades e que isso, no começo, a magoou muito, mas que agora está tudo bem. O

casal teve dois filhos e sempre que pode viaja para perto da família. Vivem os quatro felizes. Aparentemente próspera, quando perguntei o que significava prosperidade para ela, respondeu: *Ajudar as pessoas, fazer o bem. Quando se está bem financeiramente, está feliz.*

Uma pequena comerciante se declarou espiritualista, a C17. Perguntei o que era ser espiritualista. Respondeu que era “ser” o que tinha vontade. Podia frequentar igrejas, templos, terreiros e centro espíritas. Praticava sua fé como católica, evangélica, umbandista etc. No seu comércio tinha alguns símbolos religiosos, mas sua fé era única. Com a fé, conseguia superar qualquer coisa. Só com pensamentos positivos e sem desejar mal a ninguém. Sua leitura religiosa é diária e, segundo ela, lê sobre todas as religiões. Quando perguntei o significado de prosperidade, respondeu:

Acredito que seja o que pratico. Sou como o pão sem fermento. Igual por fora e por dentro. Eu alimento a minha alma. Por isso entendo prosperidade. Vivo bem e feliz. As pessoas procuram a religião para cura, quando o certo é procurar alimentar o corpo e a alma com bons pensamentos. Sempre vou me considerar próspera, aconteça o que acontecer.

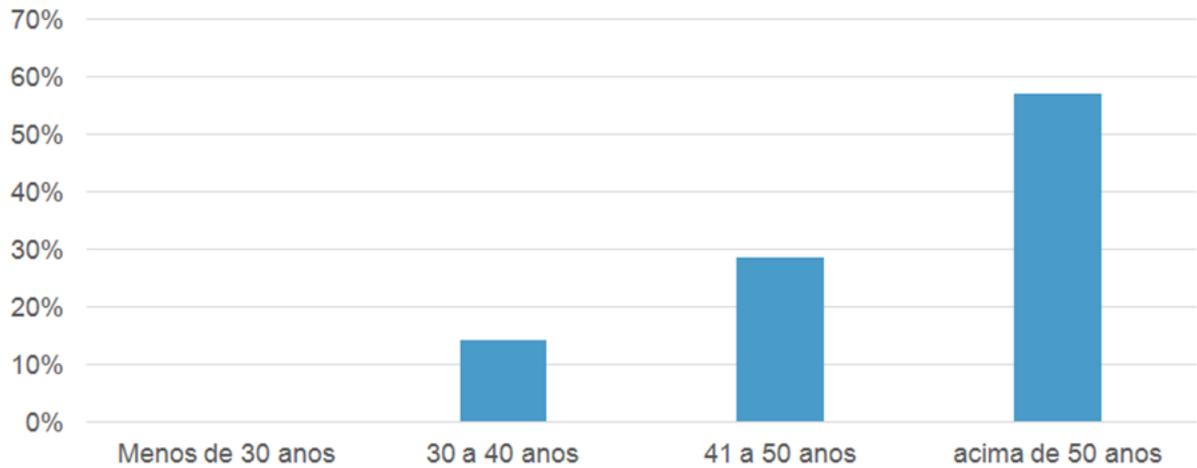
Na contramão dos quatro comerciantes narrados acima e pouco receptivo, o C3 não quis dizer o seu nome. Esse senhor tem pouco mais de 50 anos e é dono de uma pequena barbearia há 27 anos. Ao falar da minha pesquisa, se declarou evangélico. Disse que trabalha sozinho e sempre tinha comprometimento com Deus, mas que não misturava religião com comércio. Vai a qualquer igreja, contanto que seja evangélica – pode ser a Assembleia de Deus ou Igreja Batista. Frequenta apenas uma vez por mês. Também lê a Bíblia uma vez por mês. Sobre prosperidade, respondeu: *Estar de bem com a vida e dar graças a Deus por estar vivo.*

5.2 PERFIL DOS EVANGÉLICOS

Este item está relacionado ao questionário *survey* respondido pelos comerciantes evangélicos entrevistados.

57,14% estão acima dos 50 anos, 28,57% estão entre 41 e 50 anos, 14,29% estão entre 30 e 40 anos e nenhum comerciante está na faixa etária abaixo de 30 anos.

Gráfico 3 – Idade dos comerciantes



Nota-se que há uma predominância de homens que são proprietários nos comércios. 71,43% dos comerciantes são do sexo masculino e 28,57% são do sexo feminino. Desses, 78,57% são casados e o mesmo percentual – 7,14% – diz respeito a solteiros, viúvos ou divorciados/separados. Nenhum está em relação estável.

Gráfico 4 – Sexo

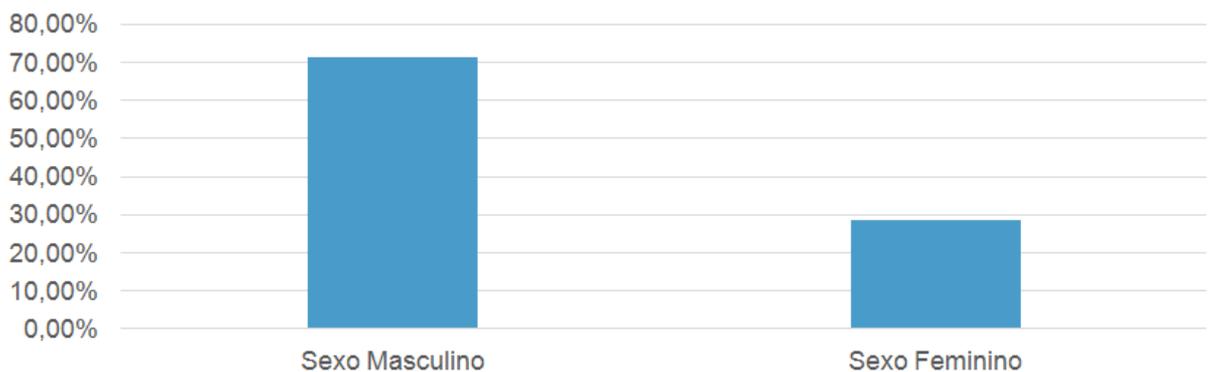
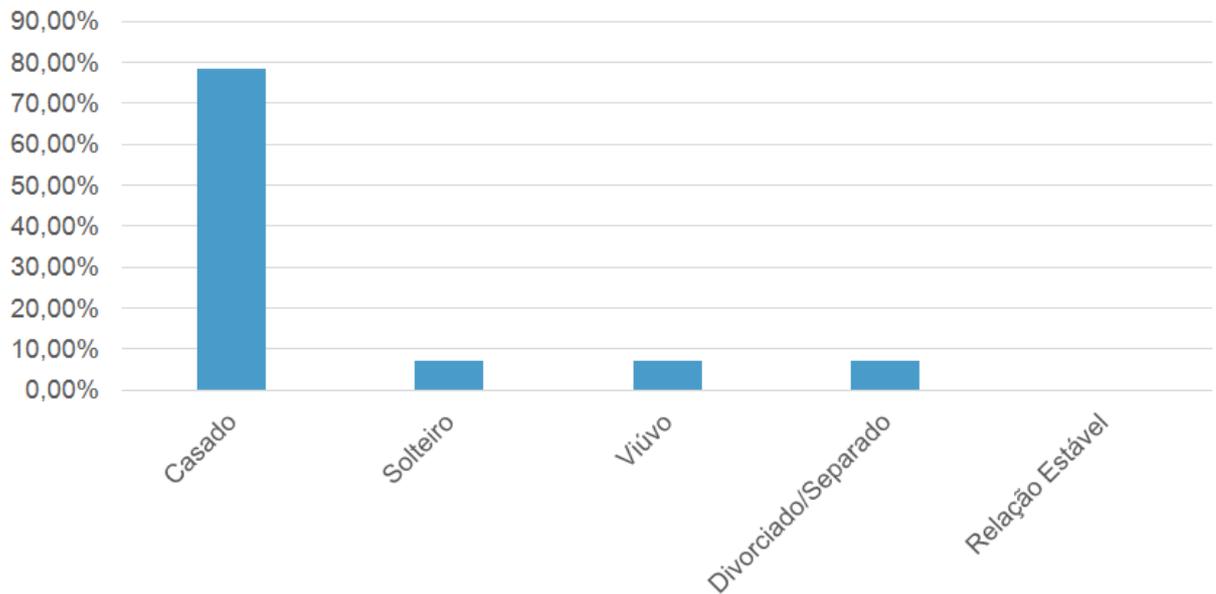
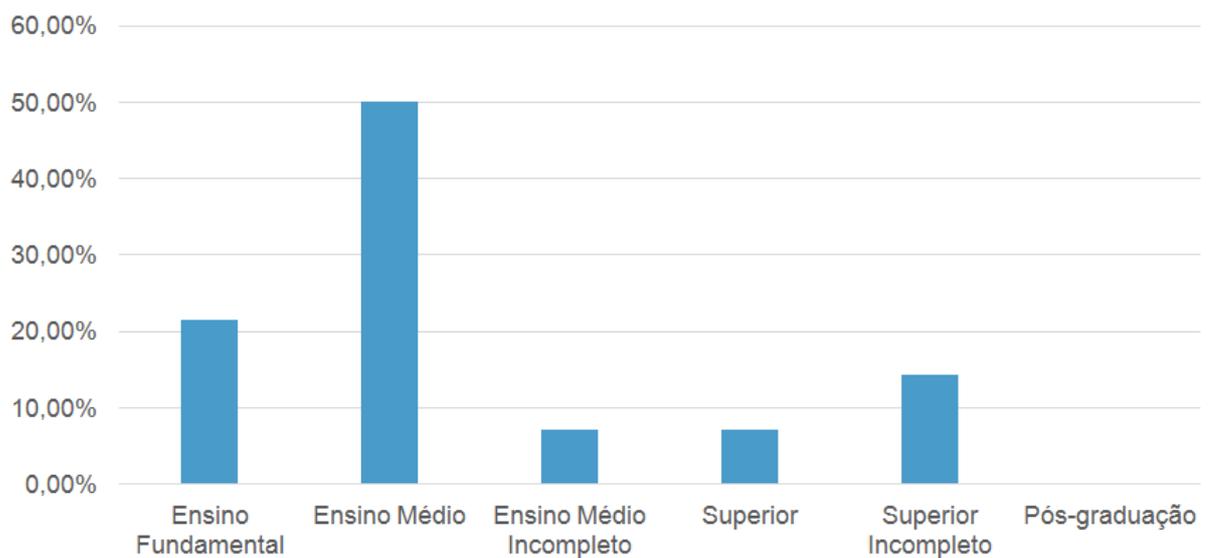


Gráfico 5 – Estado civil



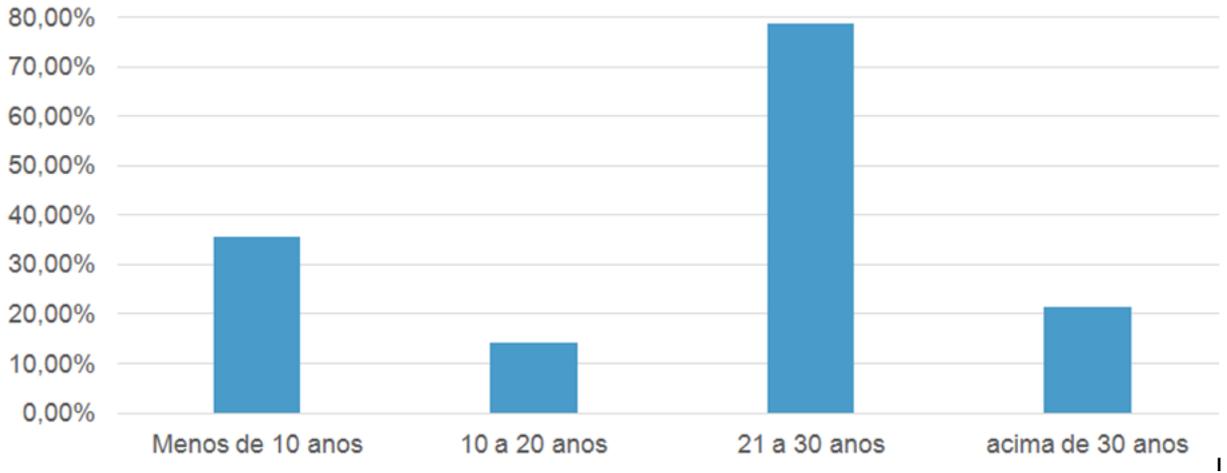
21,43% dos entrevistados têm o ensino fundamental, 50% dos entrevistados possuem o ensino médio completo. Apenas 7,14% têm ensino superior. 14,29% têm ensino superior incompleto e 7,14% não concluíram o ensino médio. Nenhum dos entrevistados possui pós-graduação.

Gráfico 6 – Escolaridade



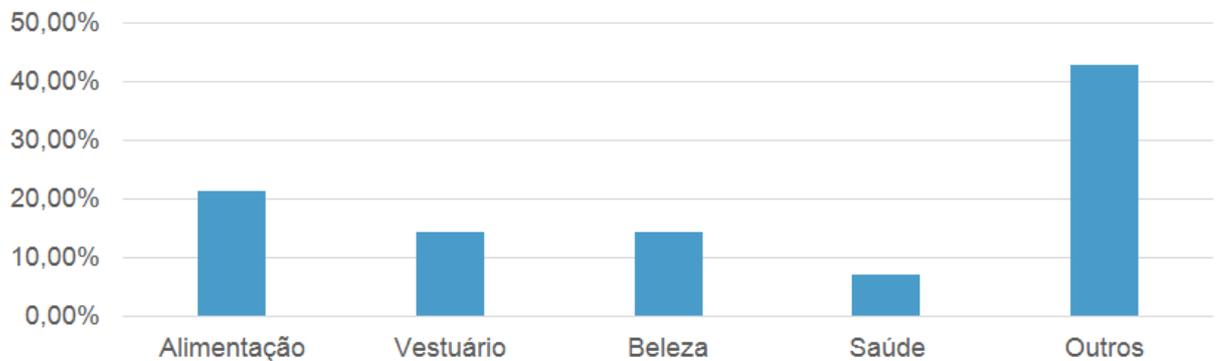
35,71% dos comércios estão abertos há menos de 10 anos, 14,29% estão em atividade entre 10 a 20 anos, 78,57% existem entre 21 a 30 anos e 21,43% estão em funcionamento há mais de 30 anos.

Gráfico 7 – Tempo de funcionamento do comércio



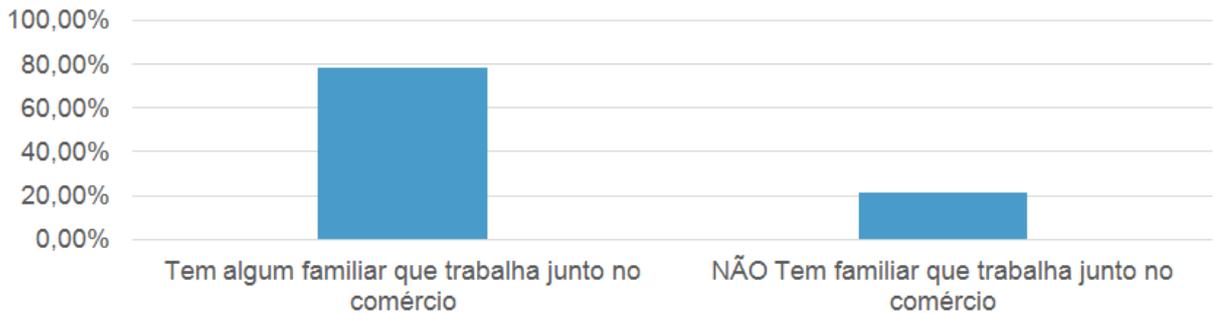
21,43% dos comerciantes estão no segmento de alimentação, 14,29% estão no segmento do vestuário e o mesmo percentual diz respeito ao segmento de beleza. 7,14% atuam no segmento de saúde e 42,86% atuam em outros segmentos (decoreação, academia, vidraçaria etc.).

Gráfico 8 – Segmento do negócio



Desses comércios, 78,57% são empreendimentos ditos familiares e 21,43% não possuem familiares que os auxiliam em seus negócios.

Gráfico 9 – Família atuante no comércio



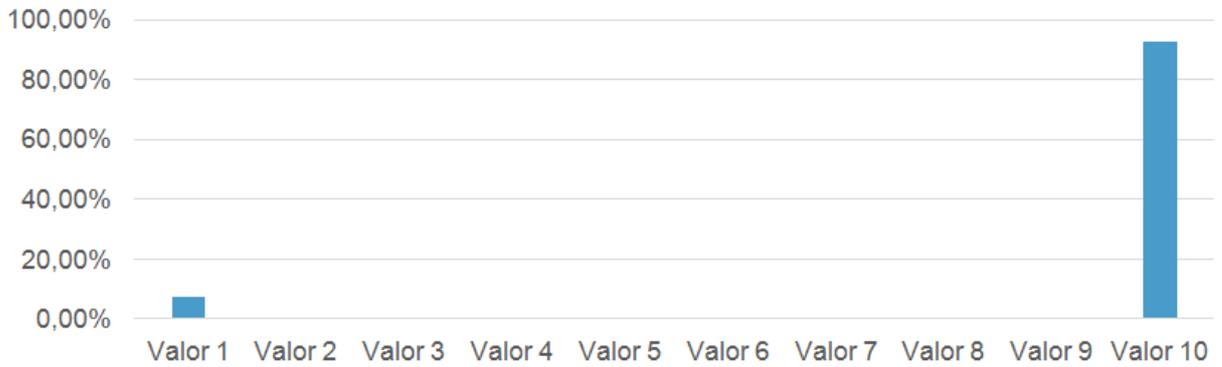
Nenhum dos entrevistados está filiado a alguma associação comercial.

Gráfico 10 – Filiação a associações comerciais



Fizemos um questionamento para tentar medir o valor dado à religião para a obtenção do êxito econômico. Foram dados valores que variavam de 1 a 10, onde 1 é o menor valor e 10 o máximo valor agregado. 92,86% dos comerciantes evangélicos atribuem nota máxima à religião, dizendo ser ela fundamental para manutenção e êxito de seu negócio. Apenas 7,14% dizem que não é a religião e sim o esforço do trabalho que traz a prosperidade econômica.

Gráfico 11 – Escala de calor da religião para obtenção de êxito econômico



A frequência com que participam de atividades religiosas é alta entre os entrevistados. 78,57% participam pelo menos uma vez na semana. 27,27% participam ao menos uma vez ao mês, mas não havia nenhum que não praticasse a religião assiduamente.

Gráfico 12 – Frequência na prática religiosa

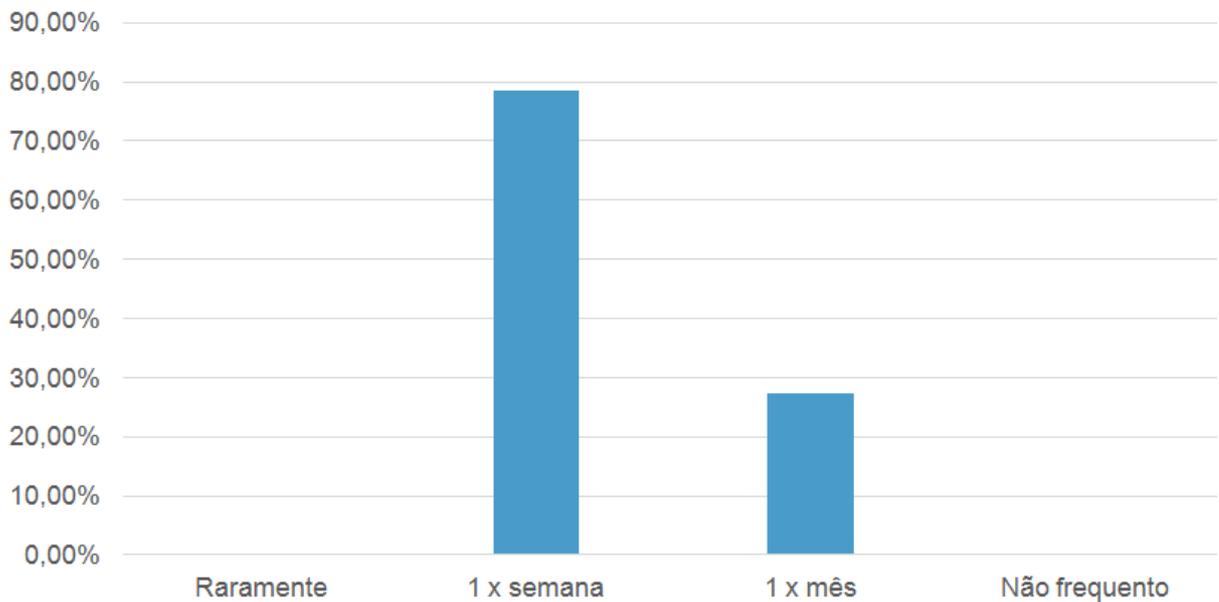
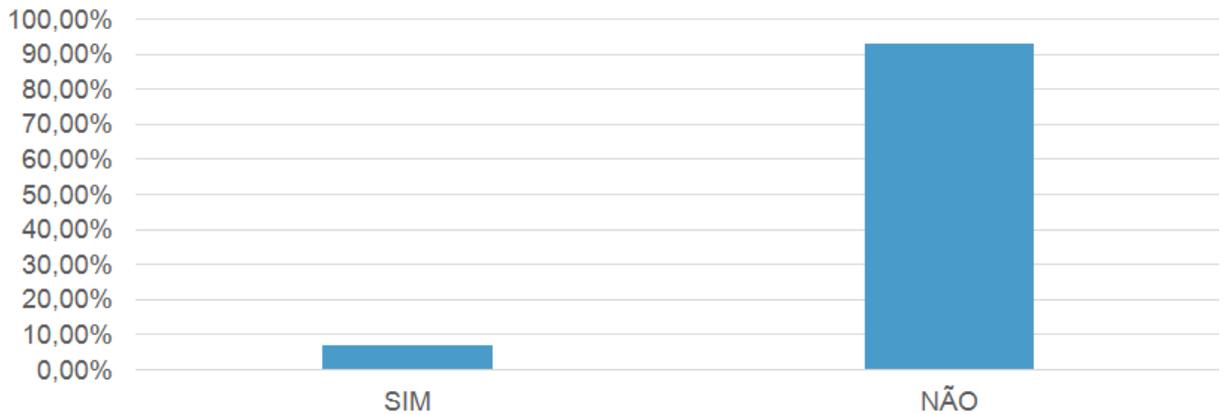


Gráfico 13 – Exposição de símbolo religioso no comércio



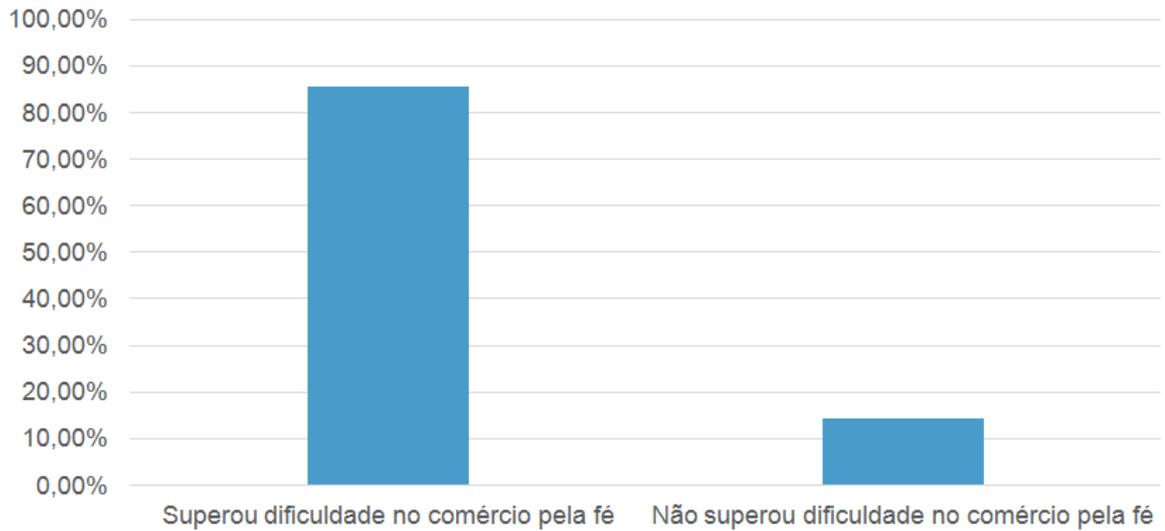
92,86% dos evangélicos não expõem nenhum símbolo religioso no comércio, apenas 7,14% o fazem, e normalmente trata-se do livro da Bíblia. O mesmo percentual responde que acredita que esse símbolo exposto os ajudam de alguma forma.

Gráfico 14 – Crença na ajuda do símbolo exposto



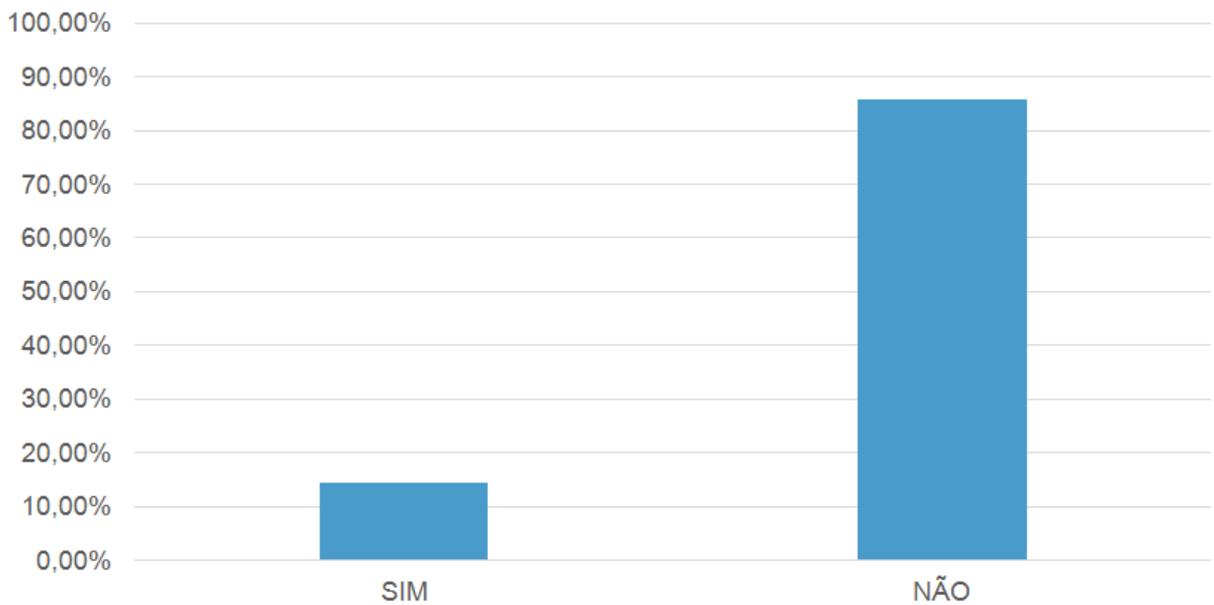
Um ponto levantado foi o de acreditarem ter superado uma dificuldade pela fé. 85,71% deles já superaram algum desafio justificado pela fé e apenas 14,29% dizem já ter passado alguma dificuldade, mas não foi superada pela fé, e sim pelo trabalho.

Gráfico 15 – Superação de dificuldades comerciais pela fé



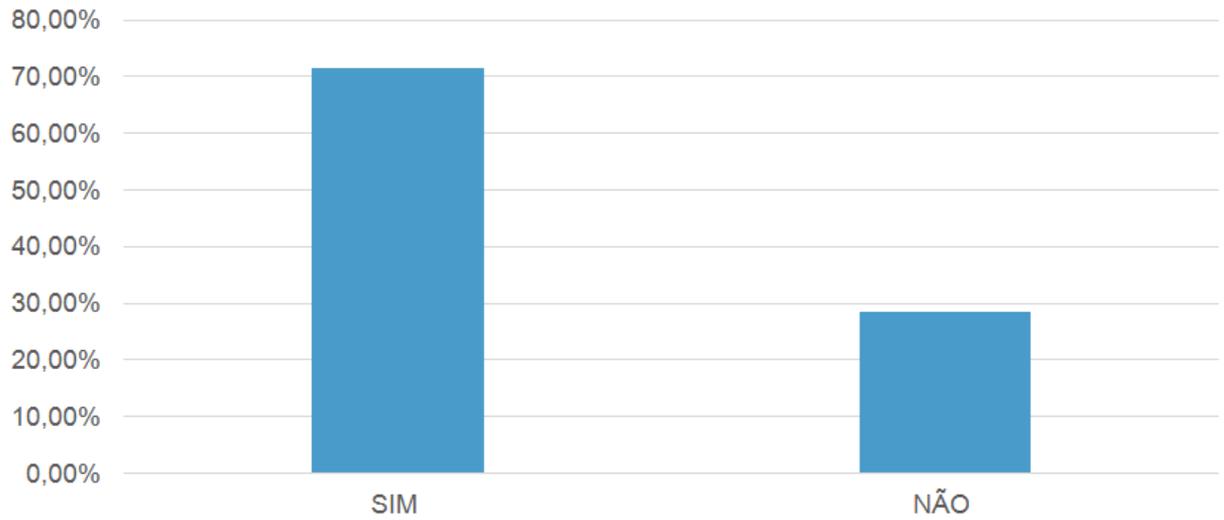
Apenas 14,29% praticam algum ritual religioso ao abrir o comércio. Alguns relataram escutar músicas estilo gospel e alguns oram. A grande maioria, 85,71%, não pratica nenhum ritual religioso ao abrir o comércio.

Gráfico 16 – Ritual religioso ao abrir o comércio



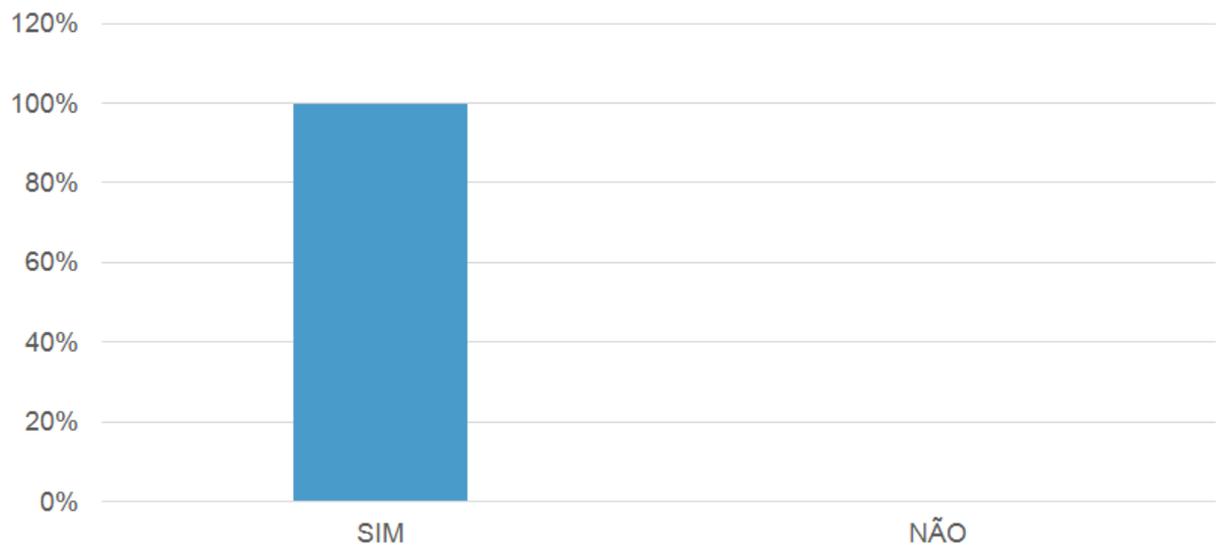
Queríamos saber mais especificamente sobre a leitura de livros sagrados e 71,43% a realizam, enquanto que 28,57% não praticam a leitura.

Gráfico 17 – Leitura de livros sagrados



100% dos comerciantes se autodeclararam prósperos.

Gráfico 18 – Percepção sobre a própria prosperidade



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo conhecer, na região do Bairro Estreito, em Florianópolis, a confissão religiosa de pequenos comerciantes, com a perspectiva de descobrir, entre os que se declarariam evangélicos, uma suposta relação da religião praticada com a prosperidade do comércio. Entrevistamos 37 (trinta e sete) pequenos comerciantes, dos quais 14 (catorze) afirmaram ser evangélicos.

No primeiro capítulo, buscamos compreender o fenômeno religioso descrito por Max Weber (ano) na clássica obra, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, em que se afirma um maior desenvolvimento capitalista dentre países onde os proprietários de capital são de fé protestante. À época, Weber uniu em seus escritos a surgente sociologia alemã e a antiga teologia protestante, com o intuito de explicar o capitalismo como uma conduta de vida, baseada na tradição do puritanismo protestante. Um capitalismo que Weber observou nos Estados Unidos, ou melhor, onde Weber viu, por todos os lados, nascer o espírito do capitalismo moderno. Um espírito puro de um “tipo ideal”. Não há dúvida de que, até os dias atuais, os conceitos teológicos e sociológicos utilizados pelo autor repercutem fortemente quando se pensa em Sociologia da Religião. Isso não só no meio acadêmico, mas para todos aqueles que se interessam pelas Ciências Humanas. Na pequena amostra deste trabalho, observei em pelo menos 04 (quatro) dos pequenos comerciantes com que conversei esse “espírito” a que Weber se referiu. Pode ser que haja, sim, uma forte conexão entre religião e capitalismo, melhor dizendo, pode haver uma boa vontade para o trabalho e o *ethos* do capitalismo. A vocação, como um ideal a ser alcançado através de um reconhecimento de ser uma missão dada por Deus pode estar nos pensamentos de alguns dos evangélicos que tive a oportunidade de ouvir. É notório na “fala” dos evangélicos o compromisso com o dever do trabalho e uma forte tendência a uma disciplina menos flexível.

Tendo como ponto de partida os conceitos centrais da sociologia religiosa de Weber, trabalhamos, ainda no primeiro capítulo, as distintas associações que autores contemporâneos fizeram entre crenças religiosas e êxito econômico. Para o sociólogo Carlos Sell (2011), são nos conceitos claramente definidos de Weber e na intensa vinculação que este criou entre o protestantismo e modernidade econômica que está sua originalidade. Uma vinculação que não se pretendeu ser exclusivista ou determinista mas que confirma, no campo histórico e empírico, as múltiplas determinações dos fenômenos sociais. Já na interpretação do sociólogo Michel Löwy (2014), o capitalismo pode ser visto como uma religião puramente cultural.

Cultural no sentido de que toda nossa economia gira em torno de um mercado onde se ganha dinheiro através do culto às operações capitalistas. Inquestionavelmente, são diferentes pontos de vista no que se refere ao tema aqui proposto.

No segundo capítulo procuramos entender como Weber ofereceu elementos para a análise do fenômeno religioso sob várias perspectivas no campo social e cultural. No cenário religioso brasileiro, acompanhamos a transformação cultural pela qual passa o Brasil em consequência do sincretismo religioso. Exploramos o ambiente encontrado pelos pentecostais ao chegarem ao Brasil, por volta de 1910, e sua expansão com diferentes vertentes. No tocante à evolução desse movimento religioso e com o intuito de organizar esta corrente religiosa, pesquisadores analisaram e nomearam ações propagadas pelo pentecostalismo e pelo neopentecostalismo. Na Teoria das Três Ondas, o primeiro a ser denominado como primeira onda foi o pentecostalismo clássico, que durou 40 anos e surgiu por volta de 1911. A segunda onda veio com a chegada, em São Paulo, da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951. A terceira onda manifestou-se através dos neopentecostais e com eles emerge uma nova teoria: Teologia da Prosperidade. Devido à complexidade do que pregam os pastores das Igrejas Neopentecostais, a Teologia da Prosperidade mereceu um tópico à parte no segundo capítulo. Explicamos essa teoria desde suas origens, com Kenyon, quando este, ao fundar sua própria Igreja, adotou uma abordagem mais positiva na relação que seus fiéis deveriam ter com Deus. No entanto, a Confissão Positiva veio a se expandir com Hagin, um evangelista batista que foi influenciado pela ideologia de Kenyon. A coroação da Teologia da Prosperidade, por sua vez, se deu no século XX e cresceu, em pleno século XXI, juntamente com o anseio dos crentes em terem a abundância, felicidade e prosperidade prometidas neste mundo, não só no além. Um mundo moderno, próprio de sociedades capitalistas e interesses mudanos, bem distante do velho puritanismo calvinista.

No capítulo 3 (três), conhecemos, na parte continental de Florianópolis, a região do bairro Estreito, sua história e campo da nossa pesquisa. Um bairro que, ao longo de décadas, sofreu transformações. Pertenceu ao município de São José e foi área de lazer para os mais abastados moradores da ilha que veranejavam em suas belas praias. Hoje é um bairro com ótima infraestrutura e que consegue suprir as necessidades de seus moradores, tendo um comércio bastante diversificado. Nessa região, o antigo convive com o novo em total harmonia.

No quarto capítulo demonstramos, por meio de gráficos, o perfil dos pequenos comerciantes evangélicos. Uns somente entrevistamos; com outros, entrevistamos e conversamos. Com a maioria, no entanto, conseguimos conversar e, algumas vezes, apenas

ouvimos. Para saber quem são, o que fazem, suas histórias de vida, suas crenças e o que pensam sobre prosperidade e êxito econômico, tivemos que saber esperar.

Foram abordados 37 (trinta e sete) pequenos comerciantes. Destes, 21 (vinte e um) são católicos, 14 (catorze) declararam ser evangélicos, 01 (um) disse ser espírita e 01 (uma) se declarou espiritualista. De acordo com ela, ser espiritualista é ser adepta e aberta a todas as religiões.

Os pequenos comércios são bastante diversificados na região do Estreito. Não escolhi os que entrei; o fator determinante foi que estava acontecendo no momento em que passava pelas pequenas lojas. Se tinha muitos clientes, evitei, por saber que não teriam como me dar atenção. No geral, entrei no que percebia a disponibilidade, mas, apesar dessa suposta disponibilidade, alguns comerciantes não quiseram participar. Muitos disseram claramente que não gostavam de falar sobre religião e menos ainda quando aliada “ao dinheiro”; outros disseram apenas que não estavam com tempo. Houve quem dissesse que já tinha respondido a uma pesquisa desse tipo. Outra me surpreendeu um pouco pela indelicadeza na recusa.

Na Introdução deste trabalho, minha reflexão era sobre o crescimento das Igrejas Evangélicas e o crescente aumento de seus fiéis, conforme apontam recentes pesquisas. Assim, procurei saber qual a relação entre a fé como razão da prosperidade dos para pequenos comerciantes evangélicos da região do bairro Estreito, em Florianópolis, Santa Catarina. As perguntas que norteavam este trabalho eram: de que maneira os pequenos comerciantes atribuem aos fatores religiosos o significado do êxito nos negócios? Os comerciantes prósperos ou que se consideram prósperos relacionam seu crescimento econômico a uma conduta de vida fundada em uma crença religiosa ou em princípios voltados a outros valores? Quais crenças, valores ou ações contribuíram, segundo os próprios comerciantes, para a prosperidade ou para o declínio do pequeno comerciante?

Entre os evangélicos entrevistados, a crença de que a religião praticada tem uma forte relação com o êxito no comércio foi bastante alta. O fator religioso contribui de forma bastante significativa, em especial, o valor ético e moral da fé na condução dos negócios. Em nenhum momento escutei a palavra “declínio”, nem mesmo dos que falaram sobre dificuldades, o que pode indicar que o empobrecimento não faz parte de suas vidas. Por outro lado, observei um brilho nos olhos de quase todos ao falar em prosperidade. Os evangélicos são veementes quanto ao tema, mas incluem, ao se tratar de prosperidade, a saúde, a felicidade, a prática do bem ao próximo, a união e o bem-estar da família.

As duas hipóteses levantadas neste trabalho que poderiam levar os comerciantes a atribuírem sua prosperidade no comércio foram: haveria uma influência mágica (magificação) com promessas para entidades e devoção aos santos ou teríamos exposta uma ação extinta de elementos mágicos (desmagificação) baseada em estímulos psicológicos criados pela fé religiosa e movidos por uma conduta ética de vida da qual o trabalho disciplinado da crença evangélica faz parte? Segundo a primeira hipótese, o êxito econômico é considerado uma intervenção divina da qual o ator social é beneficiário. Já na segunda, o êxito econômico é considerado fruto do próprio trabalho e esforço do indivíduo. Neste sentido, a religião opera como fator motivacional.

No processo desta pesquisa e com uma amostra pequena dos comerciantes evangélicos, podemos refletir sobre o que cada um desses 14 (catorze) evangélicos pensou e falou ao responder minhas indagações, mesmo quando fugi do roteiro do questionário preparado para este fim.

Os evangélicos com que conversei estão atentos para o que acontece no mundo capitalista e parecem querer fazer parte dele. Nenhum propagou uma riqueza ostensiva, mas quase todos fizeram questão de deixar evidente sua prosperidade. O próprio esforço em conquistar uma condição de vida confortável ficou explícito. Querem poder colher os frutos do próprio trabalho e usufruir o que podem nesta vida. A adesão à confissão positiva ou à Teologia da Prosperidade, em toda sua teoria, foi percebida em pelo menos 5 (cinco) dos entrevistados. A fé proferida, além de operar como fator motivacional, é um catalisador na relação religiosidade e prosperidade dos fiéis. Podemos dizer que a crença no que suas igrejas pregam, sejam elas pentecostais ou neopentecostais e, ainda, nas pequenas ou grandes diferenças das palavras que são transmitidas em seus cultos, são intensamente levadas a sério pelos evangélicos que aceitaram participar deste estudo. A essência do fenômeno religioso talvez seja a mesma, embora a criatividade de correntes diversas seja uma alternativa para as diferenças notadas por esta pesquisadora.

Dos 14 (catorze) evangélicos, 5 (cinco) são da Igreja Universal do Reino de Deus, 3 (três) da Igreja Deus é Amor, 2 (dois) da Igreja Mais de Cristo, 2 (dois) da Assembleia de Deus e 01 (um) da Igreja Presbiteriana. 01 (um) citou que vai em qualquer Igreja, contanto que seja evangélica.

Considero ser de extrema importância dar continuidade aos estudos, já avançados, de um fenômeno religioso em que os anseios dos fiéis nas sociedades modernas e de consumo vão de encontro a um mundo globalizado, em que pesem os interesses de uma economia crescente, cada vez mais acelerada e atrelada às novas tecnologias. A relação entre religião

(pentecostais e neopentecostais) e prosperidade, a meu ver, tende a crescer, não obstante os problemas que os dirigentes das Igrejas neopentecostais enfrentam referentes ao próprio enriquecimento, as ostentações de seus templos, amplamente divulgadas pela imprensa e denúncias de fiéis insatisfeitos com promessas não cumpridas.

O desafio pode estar na capacidade de criação dos pastores para conquistar e atrair novos fiéis. Talvez, apelem para novas promessas, novos rituais e uma presença divina cada vez mais forte para a realização dos sonhos e desejos dos que ainda, possivelmente, possam estar desacomodados ao mundo.

Neste estudo de caso dos pequenos comerciantes evangélicos da região do Estreito, no que se refere à crença religiosa e ascensão econômica, os que participaram, até onde se possa ver, pareceram bastante satisfeitos com suas Igrejas e felizes em suas crenças e conquistas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião: Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**, Revista Veja, 18 fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 18 maio 2019.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- CASCAES, Franklin Joaquim. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- DATAFOLHA. **44% dos evangélicos são ex-católicos**, 28 dez. 2016. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)
- FAVRETTO, Angélica. **Quais são e qual o perfil das 10 igrejas evangélicas mais numerosas do Brasil**. Gazeta do Povo, 26 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/quais-sao-e-qual-o-perfil-das-10-igrejas-evangelicas-mais-numerosas-do-brasil/>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila)
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2019.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UAB; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LAZZARO, João Guilherme Santos. **Religião e Economia: o que dizem os especialistas desde Weber**. Terraço Econômico, 10 ago. 2014. Disponível em: <<https://terraoeconomico.com.br/religiao-e-economia-o-que-dizem-os-economistas-desde-weber>>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- LEITE, Willian Tadeu M. J. **Comentários sobre a caminhada n. 5**. Projeto de extensão “A aventura do documento” e “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico” – Caminhada n. 5. Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 22 de agosto de 2009.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: O capitalismo como religião**. SP – Boitempo Editorial, 2014.
- MACHIAVELLI, Marieli. **O Santuário de Santa Paulina: Uma análise da religiosidade do visitante do santuário**. Florianópolis, 2018.
- MARIANO, Ricardo. **Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade**. Novos Estudos, CEBRAP, n. 44, p. 24-44, 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. **Sociologia do Crescimento Pentecostal no Brasil: Um Balanço**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINHA FLORIPA. Histórico Cultural. “**História e manifestações culturais**”. Lendas, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.vivendofloripa.com.br/site/historia-e-manifestacoes-culturais/lendas>>. Acesso em: 18 maio 2019.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O Pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo. Max Weber**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMALHO, José Roberval. **Igreja Católica, Moral Econômica e Modernidade**. Revista Brasileira da História das Religiões, ano III, n. 9, jan. 2011. ISSN 1983-2850

REDE JUNTOS. **As Religiões do Brasil: o panorama religioso do país**, 2017. Disponível em: <<https://wiki.redejuntos.org.br/busca/religoes-do-brasil-coexistencia-de-evangelicos-caticos-umbandistas-candomblecistas-judeus>>. Acesso em: 18 maio 2019.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a Racionalização da Vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SELL, Carlos Eduardo. **Religião e Capitalismo: Max Weber e o debate sobre a ética protestante**. Revista Brasileira da História das Religiões, Maringá, v. III, n. 9, jan. 2011.

SIQUEIRA, Deis. **Religião, Religiosidade e contexto do trabalho**. Soc. Estado, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez. 2005.

SOARES, Iaponan. **Estreito: vida e memória**. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1991.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. **Catolicismo e Ciências Sociais no Brasil: mudança de foco e perspectiva num objeto de estudo**. Sociologias, n. 23, Porto Alegre, jan./abr. 2010.

THE Corporation. Diretores: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Canadá, Zeigeist Films. **Documentário**, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. v. I, Brasília: Editora da Unb, 2009.

ANEXOS**ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA****Entrevista aplicada aos comerciantes da região do bairro Estreito**

1) Qual sua idade?

() Menos de 30

() 30 a 40

() 41 a 50

() acima de 50

2) Sexo:

() Masculino

() Feminino

3) Estado Civil: _____

4) Escolaridade: _____

5) Segmento do negócio:

() Alimentação

() Vestuário

() Beleza

() Saúde

() Outros: _____

6) Qual tempo de funcionamento do comércio?

() menos de 10 anos () 10 a 20 anos () 21 a 30 anos () acima de 30 anos

7) Sua família trabalha com você? () Sim () Não. Se sim, quem? _____

8) Você é filiado a alguma associação comercial (bairro, CDL)? Sim () Não ()

9) Qual sua religião? _____

10) Numa escala de 0 a 10, o quanto o(a) senhor(a) acha que a sua religião contribui para o êxito do seu comércio? _____

11) O(A) senhor(a) frequenta alguma Igreja? () Sim () Não. Qual? _____
Com que frequência? _____

12) O senhor(a) tem algum símbolo religioso no seu comércio? () Sim () Não.

a) Se sim, qual? _____

b) O(A) senhor(a) acredita que ter esse símbolo em sua loja pode ajudá-lo(a) no êxito do negócio? () Sim () Não.

13) O(A) senhor(a) já passou por alguma dificuldade em seu comércio e que, com sua fé, conseguiu superar? () Sim () Não.

14) O(A) senhor(a) segue algum ritual religioso ao abrir o seu comércio pela manhã (benzer-se, acender vela, incenso, sinal da cruz, oração, ler a Bíblia)? () Sim () Não.

15) O(A) senhor(a) lê a Bíblia ou alguma outra leitura espiritual? () Sim () Não. Se sim, com que frequência? _____

16) O que significa prosperidade para o(a) senhor(a)? _____

17) O(A) senhor(a) se considera próspero? () Sim () Não.

Rua/Av. _____